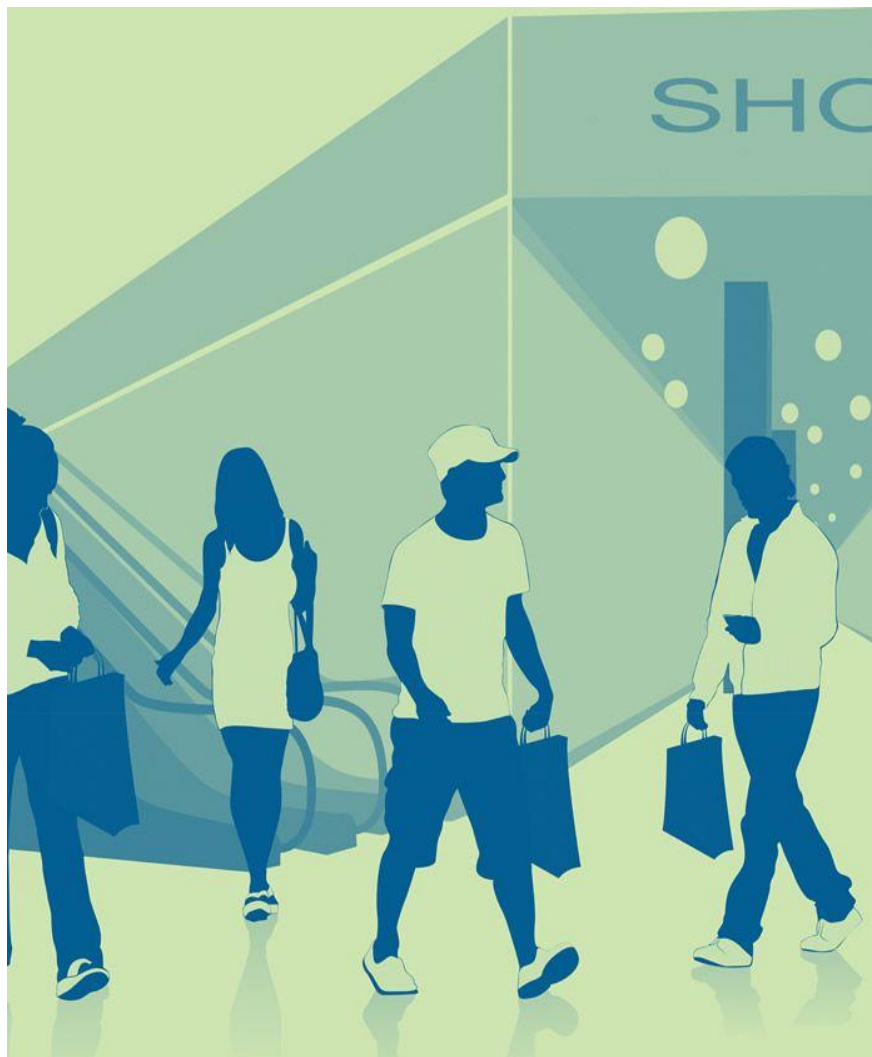


<b>REVISTA REDAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>PROFESSOR: Lucas Rocha</b>	
<b>DISCIPLINA: Redação</b>	<b>DATA: 20/04/2014</b>

## O Apartheid Mitigado nos shopping centers (RENATO NUNES BITTENCOURT)

Uma reflexão filosófica sobre as relações sociais na cidade moderna exige que detenhamos nossa atenção para um dos seus frutos mais impactantes na configuração visual do tecido urbano: a construção do shopping center



**MAIS DO QUE** um espaço comercial que favorece o desenvolvimento de interações societárias assépticas e seguras, o shopping center é também uma ideologia materializada e uma produção de signos, características que exigem um estudo multidisciplinar para compreendermos razoavelmente a presença desse espaço na topografia citadina.

A configuração física do shopping center apresenta uma estrutura de receptividade e acolhimento similar àquela exercida pelo útero materno na proteção do feto. Com efeito, o frequentador desse espaço social de consumo vivencia uma experiência de segurança tal como a proporcionada por uma mãe, regulando a sensações de calor e de frio em seu organismo. Talvez, por isso, seja praticamente impensável uma visita rápida em tal centro de compras. Vai-se ao shopping center para se passar uma manhã inteira, uma tarde inteira, uma noite inteira, até mesmo para se ficar o dia todo. Por isso existe a profusão de tantos serviços, para que o consumidor-cidadão deseje gastar parte do seu tempo diário nesse ambiente tão agradável. Conforme argumenta o antropólogo italiano Massimo Canevacci, "o shopping center, o hipermercado é a somatória máxima do pós-moderno, espaço metropolitano liberado e protegido, no qual todos modelos se somam, se justapõem sincronicamente, onde se experimenta e entra em contato com a hierarquia dos

olhares, entre a fantasmagoria das mercadorias e dos narcisismos, espaço no qual o tempo é como que suspenso ou, por assim dizer, adiado".<sup>1 1</sup> **CANEVACCI, 2004, p. 152**

O grande prazer do consumidor - cidadão frequentador do shopping center reside em sentir o ar-condicionado em contato com sua epiderme, relaxando os seus músculos após o sofrimento imposto pelo sol escaldante do espaço aberto das ruas. No caso de um dia frio, a climatização do shopping center lhe proporciona uma sensação de conforto, como um banho morno após sentir as agruras do ar gelado.



**A CONFIGURAÇÃO FÍSICA DO SHOPPING CENTER APRESENTA UMA ESTRUTURA DE RECEPTIVIDADE E ACOLHIMENTO SIMILAR ÀQUELA EXERCIDA PELO ÚTERO MATERNO NA PROTEÇÃO DO FETO**



**Os "rolezinhos" colocaram em xeque a divisão social implícita nos shopping centers, espaços que segregam a sociedade entre aqueles que podem e os que não podem consumi-lo**

poderemos constatar a elaboração de uma espécie de arquitetura do medo, que modificou grotescamente as configurações estéticas dos centros urbanos, tornando, assim, necessária a construção de prédios, condomínios e shopping centers de "segurança máxima" como defesa contra as ameaças dos "outros", isto é, as pessoas que não são consideradas economicamente viáveis, assim como a grande massa de marginais sociais estereotipados como feios e sujos. Essa é a face excludente do capitalismo tardio, que embeleza o mais feio dos homens, desde que ele tenha dinheiro, caso contrário, resta-lhe a vivência de todas as violências possíveis.

O shopping center representa assim o projeto moderno de securitização da vida, no qual todas as ameaças da barbárie são pretensamente excluídas em prol da paz, da tranquilidade, do silêncio, do conforto e do prazer. Nessas circunstâncias, o período de frequentação desse espaço privilegiado de segurança é marcado pela suspensão momentânea de todas as agruras sociais que aguardam o consumidor-cidadão do lado de fora das muralhas de proteção do shopping center. Nada da cacofonia dos veículos de transporte e das vozes humanas dissonantes nas ruas metropolitanas. Para indivíduos neurastênicos, o shopping center se evidencia como uma grande terapia psíquica de relaxamento que alivia as tensões cotidianas. O escritor brasileiro Daniel Veloso descreve a hipocondria do "idiota" oprimido pelo temor difuso produzido pela efervescência das tensas relações sociais na vida metropolitana: "É meio assustadora essa mania de ter medo, mas já é banal. Eu queria por um dia não ter medo de nada, mas o medo já faz parte de mim e, se eu algum dia não tiver medo, ficarei inseguro".<sup>3</sup>

O silêncio sepulcral reina no shopping center, desprovido, todavia, do elemento tétrico e apavorante que habita os locais ermos da cidade. Contudo, o silêncio heterônimo do grande templo do consumo não favorece a interiorização humana, não promove a meditação pessoal sobre o valor da vida; antes, serve como instrumento concentrador da consciência direcionada para os atos de consumo. Mesmo a oferta de massagens relaxantes por 15 minutos não resolve essa demanda humana por paz psíquica, pois como alguém consegue ficar despojado plenamente diante do olhar coletivo das massas em fluxo no shopping center? A voz do silêncio não pode ser ouvida nesse espaço de circulação veloz.

A circulação pelo shopping gera um efeito orgástico na afetividade do indivíduo. Seu ímpeto por consumo, estimulado pelas belas lojas e seus efeitos sedutores, excita seu sistema nervoso de tal forma que o prazer pela compra e pelo próprio ato de estar presente nesse espaço especial de consumo causa-lhe um gozo existencial poderosíssimo.

O sistema de vigilância do regime capitalista segue a estrutura do Panóptico idealizado por Jeremy Bentham (1748- 1832), dispositivo que representa analogamente a manifestação social (policia) do olhar onisciente de Deus, que conhece de antemão o íntimo de todas as coisas, uma espécie de grande projeto utópico, cuja instauração resolveria definitivamente o problema da segurança da sociedade urbana: "Quanto mais constantemente as pessoas a serem inspecionadas estiverem sob a vista das pessoas que devam inspecioná-las, mais perfeitamente o propósito do estabelecimento terá sido alcançado. A perfeição ideal, se esse fosse o objetivo, exigiria que cada pessoa estivesse realmente nessa condição durante cada momento do tempo. Sendo isso impossível, a próxima coisa a se desejar é que, em todo momento, ao ver razão para acreditar nisso e ao não ver a possibilidade contrária, ele deveria pensar que está nessa condição".<sup>2</sup>

Ao estudarmos as infraestruturas das grandes cidades,



**A sociedade é a todo momento convidada a frequentar os shopping centers, que além das lojas, oferecem todo um aparato pautado no lazer. Bares, restaurantes, cinemas, teatros, compõem esse ambiente seguro, limpo e climatizado**



O shopping center é sectário da lógica da identidade pautada nos signos do sucesso, na qual os consumidores-cidadãos se associam a grupos econômicos que adquiriram um muito razoável padrão de vida no atual contexto sociopolítico. Para a semióloga brasileira Dilma Mesquita, "a partir de um controle quase imperceptível, cada indivíduo tem a nítida sensação de estar protegido do 'restado de peste' (a peste chamada violência) que reina lá fora; 'objetos de informação e nunca sujeitos de uma comunicação', os indivíduos têm ainda a impressão de serem capazes de guiar as suas escolhas, na pretensão de estarem exercendo uma espécie de livre-arbítrio - ledô engano: o que fazem é apenas enquadrar-se nas pré-moldadas 'tribos' que, a partir de uma falsa ideia de grupo espontaneamente formado a partir de afinidades, acabam por implodir com a ideia e o sentido verdadeiro de coletividade".<sup>4</sup> Por conseguinte, a ideologia comercialista imperante na construção de um shopping center não coaduna com a ética da alteridade tampouco com os projetos sociais que visam à plena integração dos cidadãos em uma rede orgânica de comunhão e cooperação interpessoal.



### **PARA INDIVÍDUOS NEURASTÊNICOS, O SHOPPING CENTER SE EVIDENCIA COMO UMA GRANDE TERAPIA PSÍQUICA DE RELAXAMENTO QUE ALIVIA AS TENSÕES COTIDIANAS**



A visão asquerosa da pobreza, a violência endêmica que insiste em manifestar sua face terrífica e paralisante sobre o indivíduo, assim como o mal-estar da convivência coletiva massificada, não adentram no sagrado recinto do consumo integrado. Cria-se, assim, a doce narcose da existência de um mundo melhor, no qual todos os conflitos e situações desagradáveis são anulados graças ao poder tecnológico do monitoramento contínuo, até o momento em que o corpo do consumidor-cidadão se retira da grande malha de proteção e retorna ao seu habitat espremido entre as malhas de ferro da insegurança social. Para o pensador polonês Zygmunt Bauman (1925), "a insegurança alimenta o medo: não há novidade, portanto, o fato de que a guerra à insegurança tenha grande destaque na lista das prioridades dos planejadores urbanos [...]. O problema, porém, é que, com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana - a alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas a maldição do tédio. É possível derrotar o medo e ao mesmo tempo suprimir o tédio?".<sup>5</sup> **BAUMAN, 2009, p. 68**

**Para Bauman, estamos a todo momento tentados a consumir. Esse é o reflexo de uma pós-modernidade baseada no capitalismo selvagem**

A expansão vertiginosa dos mecanismos consumistas exige mudanças radicais nas configurações geográficas dos grandes centros urbanos, gerando assim uma nova experiência de sociabilidade ordenada pela mobilidade constante dos atores sociais. O antropólogo francês Marc Augé define como "não lugar" essa nova forma espacial: "Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas, bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongando onde são alojados os refugiados do planeta".<sup>6</sup> **AUGÉ, 2010, p. 36**

### **A fragmentação totalizante do meio urbano**

**A insurgência** do medo exige que os grandes centros comerciais criem *bunkers* equipados com todos os recursos comerciais necessários para a manutenção da sobrevivência consumista, evitando-se, assim, a menor exposição possível em áreas públicas, repletas de pessoas "estranhas". Conforme aponta Bauman, "vigias eletrônicos, alarmes contra roubo e estradas e saídas estreitas que se fecham sozinhas separam essa utopia miniaturizada do resto do mundo, abandonado a sua confusão aparentemente inextirpável. Prodígios de harmonia e perfeição são agora oferecidos como entretenimento - para os passeios de domingo e o desfrute da família. Ninguém supõe que sejam reais. A maioria, porém, concorda que melhoram a realidade"<sup>1</sup>. O mundo hermeticamente fechado do shopping center, criado como uma fuga confortável perante o mal-estar da vida urbana, na verdade é uma ilusão agradável criada pela necessidade do homem afluente de se considerar efetivamente seguro na sua ilha simbólica rodeada de mazelas, ilusão similar à de uma "Terra do Nunca", um sedutor conto de fadas da era "pós-moderna".

<sup>1</sup> **BAUMAN, 1999, p. 239**

A topografia do shopping center se encaixa na categoria conceitual de "não lugar", espaço de circulação vertiginosa dos corpos urbanos em que qualquer profundidade societária é dissolvida. Mesmo ocorrendo encontros entre amigos, namorados, familiares, a ideologia do local consiste na separação interpessoal, pois é o fetichismo da mercadoria que representa no shopping center a tônica das relações sociais, tornadas meras relações de consumo. Para a socióloga brasileira Valquíria Padilha, "o shopping center pode ser entendido como um "não lugar" onde é muito difícil as pessoas travarem relações sociais entre si que não sejam coisificadas ou permeadas por objetos de consumo".<sup>7</sup> **PADILHA, 2006, p. 180.**

As vitrines representam o espaço sagrado de adoração das coisas divinizadas e todo o jogo cromático utilizado para despertar a atenção do consumidor-cidadão é astutamente planejado pelos técnicos em busca da captação de compradores para os seus produtos. □ Para a comunicóloga brasileira Lucia Santaella, "fascinado diante da miríade de estímulos, diante do espetáculo volátil das luzes, das imagens, dos cenários e das coisas, nas grandes cidades, o olhar moderno aprendeu a desejar o corpo enfeitado das mercadorias que, sacralizadas pela publicidade, ficam expostas à cobiça por trás dos vidros reluzentes das vitrines".<sup>88</sup> **SANTAELLA, 2006, p. 116.**

A figura romântica do *flanêur*, no capitalismo tardio, deslocou-se dos espaços abertos das ruas e sua miríade de lojas com suas sedutoras vitrines para o espaço consagrado e hermeticamente fechado do shopping center. Porém, a sua liberdade de contemplação dos objetos foi travada pela avidade dos lojistas que necessitam bater metas elevadíssimas de vendas para que possam aumentar seus ordenados no m do mês e assediam incomodamente essas pessoas que teimam em violar as regras capitalistas do consumismo, pois o "bom cliente" é aquele que apresenta grande volume de compras no menor dispêndio de tempo possível, jamais o que olha sem compromisso os ícones- - objetos destinados ao frenético consumo humano. Conforme aponta Bauman: "A liberdade do consumidor signi ca uma orientação da vida para as mercadorias aprovadas pelo mercado, assim impedindo uma liberdade crucial: a de se libertar do mercado, liberdade que significa tudo menos a escolha entre produtos comerciais padronizados".<sup>9</sup>

<sup>9</sup> **BAUMAN, 1999, p. 277**



**Desde o fim de 2013, "jovens de periferia" têm organizado encontros pelas redes sociais, que começaram, em shoppings da capital paulista. Uma das ações repressoras foi o aumento de medidas de segurança nos templos de consumo**



### **É O FETICHISMO DA MERCADORIA QUE REPRESENTA NO SHOPPING CENTER A TÔNICA DAS RELAÇÕES SOCIAIS, TORNADAS MERAS RELAÇÕES DE CONSUMO**

**SEGUNDO BAUMAN, os shoppings têm reclassificado o labor da sobrevivência como recreação. O que era suportado com ressentimento e repulsa, sob a pressão da necessidade, tem adquirido poderes sedutores de uma promessa de prazeres incalculáveis sem a adição de riscos igualmente incalculáveis**

Por qual motivo não é possível fazermos de um dado shopping center um espaço de politização e reflexão cultural? Se livrarias localizadas nesses santuários de consumo promovem ciclos de debates entre intelectuais, por que, então, a mentalidade reacionária frequentadora do shopping center não é capaz de aceitar que ocorram manifestações políticas entre as vias de circulação do local? Considera-se que o propósito por excelência de um shopping center consiste em se ofertar ao consumidor-cidadão um espaço integrado, dinâmico, confortável e seguro para que se possam contemplar e comprar objetos de seu agrado e que qualquer outra finalidade é incompatível com a sua lógica econômica. Ora, mas não é possível conciliarmos consciência crítica e atos de consumo?

A estrutura do shopping center não pode sofrer uma revolução em suas bases ideológicas e materiais, ou, porventura, o seu planejamento estratégico é estático? É uma contradição para com o próprio princípio de □ flexibilização do capitalismo tardio que o shopping center seja perpetuamente um espaço de consumo alienado. Se muitos espaços sagrados dedicados ao culto divino se transformam em agências de capitalização financeira mediante a espoliação dos seus fiéis por líderes religiosos inescrupulosos, por qual motivo um shopping center não pode promover atos de genuína integração social, política e cultural entre os indivíduos? Aliás, muitas igrejas promovem em suas circunscrições quermesses e reuniões comunitárias e nem por isso perdem a dignidade espiritual que lhes foi outorgada. Por conseguinte, a afirmação usual de que não cabe a realização de qualquer atividade extraeconômica em um shopping center é preconceituosa e descabida, pois qualquer espaço social, público ou privado, pode receber novas configurações simbólicas dos seus transeuntes. Qualquer



tentativa de se politizar os frequentadores desse espaço fetichista, assim como dignificar o mesmo por meio de manifestações populares, é caracterizada pela sociedade afluyente como um gesto extravagante, como a própria barbárie suja que entra em cena.

Quando as hordas periféricas penetram na câmara sagrada do shopping center, o consumidor-cidadão de índole conservadora sente um calafrio, pois o seu conforto existencial está ameaçado pela presença ruidosa dessas pessoas que também querem se divertir e se sociabilizar. Jovens da elite econômica podem fazer da cidade seu espaço de lazer e o poder policial se inclina perante eles, mas os jovens das classes periféricas devem apenas consumir silenciosamente seus produtos e, de preferência, retornar o quanto antes para suas habitações. Aliás, essa é a grande questão que norteia as relações sociais entre os controladores do shopping center e os consumidores estigmatizados por suas origens mais humildes: estes até podem frequentar as vias do espaço de consumo, mas são proibidos de fazer barulho, de agirem espontaneamente. São pessoas que somente possuem valor social como consumidoras, e sua cidadania está atrelada imediatamente ao seu poder de compra.



**No Brasil, parece existir dois países distintos que não querem conviver entre si. Isso ficou nítido quando a brutal força estatal foi acionada para discriminar quem pode e quem não deve frequentar os shoppings**



**O "rolezinho" é uma manifestação cultural de um determinado grupo da sociedade. Mas qual é a contribuição efetiva que o movimento oferece para seus participantes e para a sociedade?**

marginalizada apresentasse seus protestos contra o estado plutocrático.

Acredito que a manutenção do projeto econômico-urbano de construção desses novos espaços integrados será uma constante no futuro. Não podemos adotar uma postura nostálgica de que, nos velhos tempos, as relações sociais de consumo eram mais humanas. Desse modo, é inevitável que tenhamos que conviver com o shopping center ocupando os espaços das cidades. O que podemos fazer é lutar por uma politização desses centros de consumo, dissolvendo progressivamente seu caráter "idiota" de isolamento neurótico em relação ao caos social e à eferescência da agitação metropolitana.

Talvez a cidade do futuro se configure topograficamente pela conexão entre os diversos centros comerciais, como zonas espaciais integradas tecnologicamente pelas redes de vigilância. Cada vez mais novas redomas sociais surgirão para acolher os cidadãos-consumidores em suas câmaras aconchegantes e liberá-los dos dissabores da vida ao ar livre. Imaginemos a integração plena entre shopping center e as habitações. Não falta muito para chegarmos a tal realização. A grande meta comercial do capitalismo tecnocrático consistirá na criação do shopping-condomínio ou shopping-hotel. Imaginemos o cidadão-consumidor degustando seu café da manhã na praça de alimentação dessa utopia civilizacional após uma excelente noite de sono em seu quarto de luxo. O ar fresco somente será respirado nas vias circulatórias do shopping center, e, ao invés de apreciarmos a aquarela de cores dos parques e jardins públicos, nos depararemos continuamente com as tonalidades futuristas das lojas daquela que será a grande cidade do futuro.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma Antropologia da hipermodernidade. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2010.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BENTHAM, J. **O panóptico**. Trad. de Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a Antropologia da comunicação urbana. Trad. de Cecília Prada. São Paulo: Nobel, 2004.
- GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Trad. de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MESQUITA, D. **Shopping center**: a cultura sob controle. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.
- PADILHA, V. **Shopping center** - a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação** - sintomas da cultura. São Paulo: Paulus, 2006.
- VELLOSO, D. **Avesso da alma**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

**RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pela PPGF-UFRJ. É professor do curso de especialização em Pesquisa de Mercado Opinião da UFRJ. Professor da Faculdade CCAA e da Faculdade Duque de Caxias-Unifesp, membro, também, do grupo de pesquisa Spinoza & Nietzsche. **Revista FILOSOFIA, Abril de 2014.**

## Gabriel García Márquez, pai do realismo fantástico, morre aos 87 anos (REDAÇÃO ISTO É)

Vencedor do prêmio Nobel de Literatura, escritor colombiano foi autor de obras como "Cem Anos de Solidão" e "Notícia de um Sequestro"



embebido em narrativas da juventude.

Nascido em uma família de 10 irmãos, Gabo, como era conhecido, viveu até os oito anos idade com os avós em Aracataca – o avô Nicolás era hábil contador de histórias e veterano da Guerra dos Mil Dias, maior conflito civil de seu país; a avó Tranquilina, uma mulher também dada a muitos causos. Essa convivência o marcaria, sendo responsável pelo desenvolvimento de uma imaginação prodigiosa no escritor, que antes de se entregar à literatura estudou direito e ciências políticas em Bogotá (não se formou) e foi jornalista em vários periódicos. Gabo passou pelas redações dos jornais "El Universal", em Cartagena, "El Heraldo", em Barranquilha e "El Espectador". Nesse último, publicou "Relato de Um Naufrágo", considerada sua primeira obra de uma lista de 30, contadas as antologias jornalísticas.

Entre os seus romances mais conhecidos, além de "Cem Anos de Solidão", traduzido para mais de 35 idiomas e com mais de 30 milhões de exemplares vendidos, destacam-se "Ninguém Escreve ao Coronel", "A Incrível e Triste História de Cândida Eréndira e Sua Avó Desalmada", "O Outono do Patriarca", "Crônica de Uma Morte Anunciada" e "O Amor nos Tempos do Cólera". Será lembrado, contudo, pela saga narrada em "Cem Anos de Solidão", passada na cidade imaginária de Macondo e seguindo o fulgurante desfile de acontecimentos em torno da família Buendía-Iguarán por sete gerações. Nos 40 anos de sua publicação, a obra foi considerada a segunda mais importante da literatura em língua espanhola, só perdendo para "Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes.

"Sua obra é extremamente política, extremamente humana, uma obra que tem uma carga desafortada de poesia", disse o seu amigo e tradutor para o português, Eric Nepomuceno. Próximo de Fidel Castro e grande defensor do regime cubano, Gabriel García Márquez dizia que escrevia para que as pessoas o amassem. Premiado com o Nobel em 1982 e um dos mais populares escritores do século passado, ele emendou com ironia: "mas não precisavam me amar tanto".



Confira a seguir um trecho de "Cem Anos de Solidão".

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapé construídas na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome, e para mencioná-las era preciso apontar com o dedo. Todos os anos, lá pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava sua tenda perto da aldeia e com um grande alvoroço de apitos e tímbalos mostrava as novas invenções. Primeiro levaram o ímã. Um cigano corpulento, de barba indomada e mãos de pardal, que se apresentou com o nome de Melquíades, fez uma truculenta demonstração pública do que ele mesmo chamava de oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia. Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos e todo mundo se espantou ao ver que os caldeirões, as caçarolas, os alicates e os fogareiros caíam de onde estavam, e as madeiras rangiam por causa do desespero dos pregos e parafusos tentando se soltar, e até mesmo os objetos perdidos há muito tempo apareciam onde mais tinham sido procurados e se arrastavam em debandada turbulenta atrás dos ferros mágicos de Melquíades. "As coisas têm vida própria" – apregoava o cigano com sotaque áspero –, "é só questão de despertar suas almas." José Arcádio Buendía, cuja desaforada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e muito além do milagre e da magia, pensou que era possível servir-se daquela invenção inútil para desentranhar ouro da terra. Melquíades, que era um homem honrado, avisou: "Para isso, não serve." Mas naquele tempo José Arcádio Buendía não acreditava na honradez dos ciganos, e trocou sua mula e uma partida de bodes pelos dois lingotes imantados. Úrsula Iguarán, sua mulher, que contava com aqueles animais para espichar o minguado patrimônio doméstico, não conseguiu dissuadi-lo. "Dentro de muito pouco haverá ouro de sobra para ladrilhar esta casa", replicou seu marido. Durante vários meses se empenhou em demonstrar o acerto de suas conjecturas. Explorou a região palmo a palmo, inclusive o fundo do rio, arrastando os dois lingotes de ferro e recitando em voz alta o sortilégio de Melquíades. A única coisa que conseguiu foi desenterrar uma armadura do século XV com todas as suas partes soldadas por uma casca de ferrugem, cujo interior tinha a ressonância oca de uma enorme cabaça cheia de pedras. Quando José Arcádio Buendía e os quatro homens de sua expedição conseguiram desmontar a armadura, encontraram dentro dela um esqueleto calcificado que levava dependurado no pescoço um relicário de cobre com um cacho de cabelo de mulher.

## **Nôach (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**O DEUS** de Israel não gosta de covardes. Homem, mulher, criança, todos são chamados à coragem, à dor e a tomar decisões difíceis. Noé (Nôach), foi um desses heróis. Erich Auerbach, no seu "Mímesis", afirma que Deus testa seus heróis e heroínas, levando-os ao limite do insuportável, para que, sobrevivendo ao teste, descubram por que foram eleitos. Deus funda, assim, a ideia de autoconhecimento na literatura ocidental.

"E os que vieram, macho e fêmea, de toda criatura vieram, como Deus lhe havia ordenado; e o Eterno o fechou para protegê-lo. E foi o dilúvio quarenta dias sobre a terra, e multiplicaram-se as águas, e alcançaram a arca, e levantou-se de sobre a terra" (Gênesis, 7; 16-17, edição hebraica). O filme "Noé", de Darren Aronofsky, é sobre eleição. "Eleição" é um conceito, muitas vezes, pouco compreendido pelo mundo contemporâneo, maníaco por felicidade "projetos do self" e sucesso. Os eleitos pelo Deus de Israel só têm problemas; a solidão os assola, o medo e o sofrimento os persegue. Erich Auerbach entende muito mais de "eleição" na literatura israelita do que muito rabino, pastor e padre por aí, obcecados por vender autoajuda espiritual. "Difícilmente, um deles não sofre, como Adão, a mais profunda humilhação...", afirma Auerbach.

O diretor do filme, faz licenças poéticas, e algumas delas (não tenho como saber o quão consciente ele estava quando as fez) muito sofisticadas, levando em conta a "dramaturgia" do Velho Testamento, como falam os cristãos quando se referem à Bíblia hebraica. Uma delas, muito pontual, é o uso da pequena tira de couro que o pai de Noé, e depois o próprio, enrola no braço: uma referência direta ao "tefilin" (filactério). A palavra hebraica tem sua raiz em "tefilá", que significa prece. Hoje, ela "virou" um cordão de couro ligado a duas caixinhas que o judeu amarra daquele jeito e também na cabeça (é bem maior do que mostra o filme).

Uma das preces ali contidas é o famoso "Shemá Israel", a qual lembra aos judeus que Deus é um só: "Shemá Israel, Adonai eloheinu, Adonai echad" (Ouve Israel, Adonai é nosso D'us, Adonai é Um"), na tradução feita pelo movimento religioso judaico Chabab. Outra liberdade de roteiro está na longa discussão acerca das mulheres e da infertilidade da personagem que casará com Sem, filho mais velho de Noé. Na narrativa bíblica sobre o dilúvio não existe esta controvérsia que domina o filme. Sem, Cam e Jafé, filhos de Noé, já entram na arca com suas mulheres.

Mas, se para o homem bíblico o drama é o coração reto que serve a Deus, para a mulher, o drama é a fertilidade. Muitos criticam esse enfoque porque entendem que o homem tem um drama moral acerca da liberdade da vontade (tema muito bem trabalhado no filme) e a mulher tem um drama "fisiológico", portanto, alheio à liberdade. Mas, ao enfrentar o mal da infertilidade e ao ser objeto de milagre (como no filme e em vários casos na Bíblia), a mulher revela sua vocação de ser a (desesperada) terra (in)fértil onde Deus deixa sua marca.

O medo da infertilidade no mundo semítico antigo acompanha muitas heroínas, como Sara, mulher de Abraão, e Rachel, mulher preferida de Jacó (mais tarde, chamado Israel, pai das 12 tribos). O profeta Isaías, 54:1-55:5, compara as agonias e posteriores alegrias da mulher infértil (ou desamparada ou solitária) às águas de Noé: "Canta, ó estéril que não deste à luz; rompe em cânticos, e clama com alegria, tu que não tiveste dores de parto; porque mais serão os filhos da mulher solitária do que os da casada, diz o Eterno". Adiante, o profeta compara a promessa de Deus a Noé, de que não mais lançará águas sobre a face da terra, com a promessa feita à infeliz de que Ele não terá mais ira contra sua revolta nem a repreenderá.

Sabe-se que Deus escolhe Rachel como a que "amolece" Seu coração, quando Ele fica irritado com o povo israelita. Está aí o mistério da dor feminina que encanta até o Eterno. Quando você ouvir alguém dizer que a Bíblia é um livro bobo, saiba que você está diante de um ignorante. Boa semana.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **As crianças e a morte (CONTARDO CALLIGARIS)**

**CEDO**, soube o que era a morte e como era um morto. Ainda pequeno, acompanhei os enterros de familiares e amigos dos meus pais. E, sobretudo, quando eu tinha por volta de 11 anos, meu avô se apagou progressivamente nos meus braços, enquanto o sangue jorrava da garganta dele, a jatos longos e descontínuos, pelo buraco aberto de sua traqueostomia - a aorta tinha estourado, alcançada por um tumor.

Minha avó se desesperava gritando e berrando pelo quarto. Minha mãe tentava acalmar minha avó e evitar que ela fizesse pior do que se arrancar os cabelos. Meu pai estava voltando para casa e fez milagres, chegou antes da ambulância, mas, mesmo assim, tarde demais: para olhar nos olhos de meu avô enquanto a vida o deixava, só sobrei eu. Depois, ajudei a lavar e vestir seu corpo. Escolhi a gravata e os sapatos. Ele foi velado em casa, durante três dias, para que os parentes tivessem o tempo de chegar do Centro-Itália. Durante esse tempo, várias vezes, de dia e de noite, fiquei no quarto dele, para lhe fazer companhia.



Por isso, os mortos são para mim presenças familiares - e singulares: acho que cada um deles tem uma expressão própria, como se o caráter de quem nos deixou fosse reconhecível depois da morte. Aos 11 anos, eu ainda tinha medo do escuro - o medo só passou quando me tornei adulto, ou seja, quando eu tive que proteger alguém que estava com mais medo do que eu. Mas algo mudou com a morte do meu avô: entre os monstros que povoavam o escuro, não houve mais mortos e fantasmas - desde então, se eles compareceram, sempre foi na luz, e foram bem-vindos.

Agora, muitos pais temem que uma experiência precoce da morte seja impossível ou não seja boa para as crianças. Às vezes, alguém me pergunta: até que idade devemos esconder das crianças que alguém morreu? A partir de que idade seria certo levar uma criança para um velório de caixão aberto?

Não conheço nada, em psicologia do desenvolvimento, que nos diga a partir de quando uma criança entende o que é a morte (claro, a partir dos sete anos - estágio operatório concreto - qualquer criança vai entender melhor do que entre os dois e os sete). Também, nos estudos da dinâmica afetiva do luto, não tem nada (que eu saiba) que nos diga com certeza a partir de que idade uma criança deve poder encarar a morte de um próximo. Os pais podem dar um google em "Luto em Crianças" ou em "Child Bereavement": eles encontrarão uma série de sites que oferecem conselhos honestos e bem pensados. Mas vai ser difícil encontrar uma resposta argumentada clínica e "cientificamente". A leitura de um famoso estudo longitudinal, o MGH/Harvard Child Bereavement Study, tende a sugerir que as crianças e os jovens participem das cerimônias fúnebres quando seus pais morrem - mas, de novo, é só uma sugestão.

A decisão fica com os adultos. E é justo que seja assim, por uma razão simples: quando ajudamos as crianças a não enxergar a morte, não estamos protegendo as crianças - as quais se protegem muito bem sozinhas e são, em geral, muito mais vigorosas (mentalmente) do que a gente imagina. Quando agimos dessa forma, repito, não estamos protegendo as crianças, mas a "Infância", ou seja, a visão ideal que nós, adultos, temos das crianças; nessa visão, não há espaço nem para a morte nem para o pensamento da morte, só há espaço para uma encenação permanente da felicidade e do brincar, que é a careta que nós chamamos de infância sorridente. Mas a morte é aqui apenas um exemplo. A lista é longa das coisas que gostaríamos de manter afastadas de nossa visão idealizada da infância e que, portanto, escondemos das crianças. Isso aqui, só depois dos 14. Que 14? Só depois dos 16 ou dos 18.

Há os que tentam esconder tudo das crianças, porque querem "preservá-las". E há os que acham que nada deveria ser escondido das crianças, porque tudo é "natural", tudo é "bonito", nada é vergonhoso. Os dois grupos são menos opostos do que parece. Em ambos os casos, os adultos mostram coisas às crianças ou escondem coisas delas por uma mesma razão: para preservar sua visão de um mundo encantado e infantil, onde todos são "felizes" e tudo é "legal". Esse mundo não é o das crianças; é o mundo dos sonhos dos adultos.

Enfim, voltarei ao tema por um viés menos de Quinta-feira Santa: o que mostramos às crianças ou escondemos delas em matéria de sexo.

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## Um hospital de superlativos (GIOVANNI GUIDO CERRI)

**DAQUI** a 30 anos, quando o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP completar seu primeiro centenário, o cenário da saúde pública terá certamente se transformado, seguindo o dinamismo inerente ao SUS (Sistema Único de Saúde).

Hoje, as carências são conhecidas. Subfinanciamento, falta de resolutividade na atenção primária, hospitais e ambulatórios que não cumprem efetivamente seu papel no atendimento secundário. São fatores que levam invariavelmente os hospitais de ensino, com assistência terciária, a concentrar uma demanda excessiva. O HC-FMUSP, que completa 70 anos de existência no próximo 19 de abril, é procurado por pacientes de todo o Brasil em razão de sua qualidade e excelência assistencial. Trata-se de uma população que conhece e, principalmente, confia no hospital. Muitas vezes, só nele.

Maior complexo hospitalar da América Latina, o HC desde cedo se tornou referência nacional em assistência, ensino e pesquisa. Uma trajetória que pode ser traduzida nas histórias de pacientes, médicos, residentes e colaboradores. E que, ao mesmo tempo em que nos orgulha, nos traz a enorme responsabilidade de seguirmos adiante, com ambição em relação ao futuro e zelo para com o nosso passado.

Dentro da rotina do complexo nos acostumamos com seus números superlativos. São cerca de 250 mil pacientes por mês circulando nos oito institutos do HC - entre eles o fundador Instituto Central e, mais recentemente, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira - e mais de 20 mil colaboradores se dedicando dia e noite para que o atendimento ocorra sempre da melhor maneira. Anualmente, são feitas aproximadamente 1,7 milhão de consultas ambulatoriais, 320 mil atendimentos de emergência, 40 mil cirurgias e mais de 1 milhão de exames de diagnóstico por imagem.

Paralelamente à assistência, o hospital-escola da FMUSP é também responsável por formar muitos dos melhores quadros da medicina nacional. Nossos alunos e residentes ajudam a disseminar o conhecimento produzido no mundo acadêmico em unidades de saúde de todo o país. As pesquisas desenvolvidas no HC ajudam a levar a medicina para

patamares nem sequer imaginados há poucos anos. Os desafios, contudo, são igualmente enormes. O próprio HC não pode nem deve se acomodar como instituição. E não irá. Assim, na esteira das comemorações de suas sete décadas, lançamos o projeto HC 70+30, antecipando o futuro.

Focando o acolhimento diferenciado e a construção de novas áreas - algumas já em andamento, como o instituto de álcool e drogas e o novo hospital de Suzano -, esse projeto também prevê a reurbanização do complexo, em um plano audacioso que, quando concluído, oferecerá aos pacientes e colaboradores um novo espaço de convivência e circulação, mais bonito e acessível. O Hospital das Clínicas buscará parceria pioneira com a iniciativa privada que, acredito, irá se tornar um exemplo para futuros empreendimentos dessa magnitude e que permitirá ampliar e aprimorar ainda mais a assistência gratuita aos usuários do SUS. Atualmente, mais de R\$ 220 milhões já estão sendo investidos em novas obras para o complexo pelo governo do Estado de São Paulo.

Nessa data, quero homenagear todos aqueles que ajudaram a construir o Hospital das Clínicas da FMUSP. Desde os operários que deram início às primeiras obras, em 1938, passando por cada professor, médico, enfermeiro, cada colaborador, cada paciente e cada voluntário. E quero brindar àqueles que seguirão nessa jornada em defesa de um Hospital das Clínicas que, seja aos 70, aos 90 ou aos 100, sempre estará à frente do seu tempo.

---

**GIOVANNI GUIDO CERRI**, 60, é diretor da Faculdade de Medicina da USP e presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas da FMUSP. Foi secretário de Estado da Saúde de São Paulo (de 2011 a 2013, governo Geraldo Alckmin). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Choque de responsabilidade no futebol (FERNANDO SCHMIDT)**

**AINDA** que a natureza dos clubes e das federações no Brasil, inclusive a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), seja de direito privado, o futebol é um esporte que, invariavelmente, envolve recursos públicos, por meio de patrocínio, financiamento ou mesmo pela relação tributária.

Quando um clube deixa de pagar o INSS e o FGTS e sonega o Imposto de Renda, está cometendo crimes que afetam não só o governo, mas, diretamente, o interesse público. Na Espanha, 36 clubes estão em regime de concordata. No Brasil, poucos são os que não estão falidos. As receitas aumentaram, é verdade, mas o endividamento subiu 74% nos últimos cinco anos. Fui presidente do Esporte Clube Bahia entre 1975 e 1979 e, em setembro de 2013, vencemos a primeira eleição direta e democrática da história do bicampeão brasileiro, com 68% de quase 5.000 votos.

Encontrei nesse retorno um cenário de terra arrasada. A dívida do Bahia é de mais de R\$ 100 milhões. Os contratos, em sua totalidade, são quase todos lesivos: negociatas e dívidas de um grupo que se apossou de um patrimônio que, longe de ser privado, é público. São dois períodos distintos da história do Brasil: um, sob as nuvens carregadas da ditadura e os efeitos econômicos do "milagre". Outro, em plena democracia, mas com a economia sufocada pela pior crise do capitalismo mundial desde 1929. Nesse intervalo, nossa receita cresceu para a casa dos milhões, porém a dívida do clube virou um monstro devorador que nos espreita a cada fim de mês, quando temos que pagar despesas e salários, dívidas trabalhistas, impostos sonegados em anos e anos de gestões temerárias, conduzidas por dirigentes encobertos pelo manto eterno da impunidade.

Nos anos 1970, não tínhamos os direitos da TV, os uniformes não ostentavam uma sopa de logomarcas nem possuíamos arenas multiuso. Vivíamos do borderô dos jogos e de uma ou outra "vaquinha" entre os chamados abnegados. Hoje, os clubes brasileiros vivem da ilusão. Contratam jogadores e treinadores por cifras milionárias, mas se "esquecem" das obrigações. Por isso, defendemos a fiscalização pública sobre os clubes, para que essa dívida financeira, que a cada dia se agiganta, não empobreça ainda mais o futebol. Apoiamos totalmente o movimento Bom Senso Futebol Clube, mas vamos além. É preciso que a má gestão seja punida e os maus administradores responsabilizados, acabando com a lei não escrita, mas consentida segundo a qual é permitido fazer negócios e negociatas, porque os clubes ou as federações não têm dono, é coisa de ninguém.

Fechamos questão, portanto, com o substitutivo apresentado pelo deputado federal Otávio Leite (PSDB-RJ) que institui a Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte, obrigando os clubes a apresentarem certidão negativa de débitos sob risco de rebaixamento, responsabilizando pessoalmente os dirigentes e proibindo o aumento das dívidas, sem perdão nem anistia fiscal. O maior legado desta Copa do Mundo não é só de engenharia, mas, sobretudo, de mentalidade: o chamado padrão Fifa deve nos deixar como herança a obrigação de instituímos uma nova ordem para o futebol brasileiro.

---

**FERNANDO SCHMIDT**, 69, advogado, é presidente do Esporte Clube Bahia. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Estupradores (DRAUZIO VARELLA)**

**ANOS ATRÁS** fui comprar uma luminária na rua da Consolação. A que escolhi, o vendedor disse custar R\$ 250. Achei caro demais. Ele sorriu: - Na verdade, custa R\$ 85. É a tática que uso para o freguês comprar na hora. Assim aconteceu com a tal pesquisa do Ipea. No primeiro momento, disseram que 65% dos brasileiros concordavam total ou parcialmente com a frase: "Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas".



Uma semana mais tarde, esse número foi corrigido para 26%. A reação foi de alívio e de revolta contra o Ipea, como se em cada quatro brasileiros um estar a favor do ataque fosse pouco. A mesma pergunta refeita em São Paulo pelo Datafolha encontrou 12% de respostas positivas. Quando o Datafolha substituiu a palavra atacadas por estupradas, 9% de nossos respeitáveis conterrâneos consideraram o estupro justificável. O estupro é prática descrita em orangotangos, gorilas e chimpanzés, nossos parentes mais próximos.

Veja o caso dos orangotangos, primatas como nós, que passam a vida em cima das árvores. Os machos chegam a pesar 90 quilos, enquanto alguns não passam de 40, peso igual ao das fêmeas. A dominância é disputada pelos mais encorpados, que se enfrentam em lutas renhidas, mas que jamais acabam em morte; terminam quando o perdedor volta as costas para o adversário e se retira. Os etologistas nunca entenderam como os machos pequenos conseguem se reproduzir, uma vez que são rejeitados pelas fêmeas, sempre interessadas nos grandes, mais aptos a proteger-lhes a prole.

Observações de campo mais recentes encontraram a explicação: os pequenos são estupradores. Atacada por um deles, a fêmea berra e se defende com todas as forças. Ao ouvir-lhe os pedidos de socorro, o macho-alfa corre pelos galhos das árvores para ajudá-la. Mais ágeis, os pequenos fogem. Quando não conseguem, são espancados e atirados lá de cima. Chegam a morrer na queda, incidente que não ocorre entre os machos grandes em luta pela supremacia. Agressões semelhantes contra estupradores são descritas em gorilas e chimpanzés. Do ponto de vista evolutivo, a explicação é lógica: aqueles incapazes de defender suas fêmeas não transmitiram seus genes à descendência.

Seres humanos não são diferentes. As agressões mais torpes a que assisti, foram perpetradas contra estupradores presos. No antigo Carandiru, o mínimo que lhes acontecia era serem esfaqueados pela turba enfurecida. Num deles, contei mais de 40 facadas. Quando perguntei a um dos detentos que havia carregado o corpo até a enfermaria, por que razão respeitavam o assassino de um pai de família, enquanto barbarizavam o estuprador, ele respondeu com voz pausada:

- Quem mata uma pessoa pode passar o resto da vida sem matar mais ninguém. O estuprador vai sair daqui e atacar outra mulher, que pode ser a sua filha ou a minha irmã. Esses caras são anormais. Não lhe tiro a razão. De fato, aceitamos com mais condescendência um assassino do que o estuprador. O estupro é o mais abjeto dos crimes. Vamos falar de homem para homem, prezado leitor. Quem nunca passou pela experiência de estar a sós com a mulher desejada, ardente, em ambiente acolhedor, e fracassar?

Se nas condições mais favoráveis a impotência pode nos surpreender, imaginar que alguém consiga manter ereção enquanto agarra uma mulher desesperada, que grita, chora, tenta fugir e pede pelo amor de Deus para não ser violentada, está além da compreensão masculina. Homem nenhum tem direito de atacar uma mulher, sob nenhum pretexto. Nem que ela esteja nua, num banco de jardim. Sexo não consentido é uma brutalidade criminosa que precisa ser punida com rigor.

Partir do princípio de que roupas decotadas justificam agressões sexuais é aceitar que todas as mulheres possam ser estupradas em nossas praias ou nas cidades com verões escaldantes. Para evitar ataques, o que elas deveriam esconder? As pernas, os ombros, os braços, o colo? Não seria mais prudente andarem de burca? Jogar a culpa na vítima é compactuar com a natureza do crime cometido contra ela. A questão é simples: estupradores são maníacos sexuais que precisam ser afastados do convívio social.

---

**DRAUZIO VARELLA** é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Sinais trocados na saúde (MÁRIO SCHEFFER E MARILENA LAZZARINI)**

**LUGAR** de conflitos de interesse, a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) se vê diante de mais um escândalo. Após a queda de um diretor da agência por ter omitido que trabalhou para empresas de planos de saúde, a presidente Dilma Rousseff indicou a posto semelhante o atual presidente da CNS (Confederação Nacional de Saúde), que aguarda sabatina no Senado.

A entidade representa hospitais, clínicas, laboratórios, operadoras de planos de saúde, e o indicado foi, no passado, presidente de empresa que atua na saúde suplementar. Mais grave é a posição do possível novo diretor, revelada neste mesmo espaço da **Folha**, em 2010: "Questionamos no Supremo Tribunal Federal (STF) a constitucionalidade do artigo 32 da lei dos planos de saúde (Lei nº 9.656/98), que prevê o ressarcimento ao SUS caso o beneficiário do plano seja atendido pelo sistema público". Pela lei, cabe à ANS identificar os pacientes atendidos no SUS, notificar as empresas sobre os valores a serem ressarcidos e cobrar a devolução. Em uma única reunião, em março de 2014, a diretoria da ANS deliberou sobre 99 recursos de planos de saúde contra o ressarcimento ao SUS.

O conflito anunciado envolve tema sensível à ANS. Já em 2009, o Tribunal de Contas da União alertou que a agência dá prejuízo aos cofres públicos, pois não identifica corretamente o que deve ser ressarcido e é lenta para realizar as cobranças, jogando os processos à prescrição. Por isso, o volume do ressarcimento é insignificante. De 2001 a 2013, retornaram ao SUS apenas R\$ 447 milhões. O SUS realiza por ano 11 milhões de internações, das quais pelo menos 200 mil são de clientes de planos de saúde, custo que chega a R\$ 1 bilhão, sem contar os procedimentos ambulatoriais que, inexplicavelmente, não são processados pela ANS.

A Câmara dos Deputados e o Senado acabaram de aprovar redução do valor das multas dos planos de saúde, um incentivo às restrições de cobertura, infração mais cometida, piorando a situação atual, em que os pagamentos não chegam a 20% dos valores das sanções timidamente aplicadas pela ANS. Em 2013, com o apoio do governo, a medida provisória nº 619 já havia livrado os planos de cobrança bilionária do PIS e Cofins. Tal vantagem tributária soma-se à renúncia fiscal no cálculo de Imposto de Renda de pessoas físicas e jurídicas, que sempre beneficiou os planos de saúde.

E, ainda, passaram a ganhar do BNDES linhas de crédito para ampliação de suas redes hospitalares. A ANS quer permitir que deem de garantia aos empréstimos a chamada reserva técnica - fundo obrigatório por lei para que, em caso de falência, as operadoras não deixem na mão os consumidores. O subfinanciamento público é o maior alçó da saúde no Brasil. O gasto per capita do SUS, para toda a população, é de R\$ 45 por mês. A receita dos planos de saúde chega a R\$ 160 por pessoa, o que rendeu às operadoras R\$ 93 bilhões em 2013. Governo e parlamentares negam mais recursos ao SUS, sistema de todos os brasileiros, mas concedem incentivos econômicos e entregam a agência reguladora a um setor que assiste - e mal - apenas uma parcela da população.

Candidatos sempre defendem o SUS. Mas, na hora da doença, nunca querem se tratar nos mesmos locais onde tentarão ser atendidos os eleitores que desejam conquistar. E, na campanha, terão dinheiro farto dos planos privados. A população que foi às ruas exigir serviços públicos de saúde de qualidade, o povo que aponta a saúde como o maior problema do Brasil talvez tenha percebido que os sinais estão mesmo trocados.

---

**MÁRIO SCHEFFER**, 47, é professor da Faculdade de Medicina da USP e membro do conselho diretor do Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor). **MARILENA LAZZARINI**, 65, é presidente do conselho diretor do Idec. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Abril de 2014.

## O copo meio cheio (RICARDO TRADE)

**A EXPERIÊNCIA** que tive na África do Sul, na operação do estádio de Pretória, e o trabalho à frente do Comitê Organizador Local há quatro anos me levam a afirmar que faremos uma grande Copa do Mundo no Brasil. Sou otimista, sim. Conheço os nossos desafios, assim como a nossa capacidade para enfrentá-los. E tenho noção da dimensão de oportunidades propiciadas pelo evento.

Estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) que mereceu pouquíssima atenção da mídia mostrou que a Copa das Confederações gerou o equivalente a 303 mil empregos em todo o país e adicionou cerca de R\$ 10 bilhões ao PIB - mais, portanto, que os R\$ 8 bilhões investidos nos 12 estádios construídos para a Copa do Mundo.

Infelizmente, tal estudo rendeu apenas uma nota curta no "Painel FC", da **Folha**. Em vez de noticiar os principais números, a coluna criticou o impacto do turismo internacional. Faltou apenas informar o leitor que, historicamente, a Copa das Confederações é um torneio voltado para o público local, atraindo em média 3% de torcedores estrangeiros. Já na Copa do Mundo, esse número é pelo menos dez vezes maior. A previsão do Ministério do Turismo é de que o evento injete aproximadamente R\$ 30 bilhões na economia do Brasil, gerando ainda mais empregos e aumentando a arrecadação de impostos. Estes sim poderão ser investidos em saúde e educação, em benefício da população.

Parece ter virado moda falar mal da Copa do Mundo. Parece, mas não virou. Não para a maioria dos brasileiros. Porque, como mostrou pesquisa do Datafolha publicada em 8 de abril pela **Folha**, 48% dizem ser a favor da realização da Copa no Brasil contra 41% que se dizem contra. Em seu editorial "A Copa como ela é" (9/4), a **Folha** mais uma vez escolheu um dado em detrimento de outro. Optou pelo copo meio vazio, prática utilizada anteriormente e que, por sinal, já mereceu críticas da ombudsman do jornal em artigo publicado em outubro de 2013 ("Arauto das más notícias").

Eu prefiro o copo meio cheio. Na Inglaterra, por exemplo, uma pesquisa feita três meses antes da Olimpíada de Londres mostrava que 53% da população não tinha interesse no evento e 64% dos entrevistados diziam que os jogos trariam mais prejuízos do que benefícios. Como é normal haver ceticismo antes de grandes eventos, buscamos colocar números em perspectiva e mostrar dados concretos: 11 milhões de pedidos de ingressos, mais de 150 mil inscritos no programa de voluntários e 18 mil jornalistas credenciados - recordes em relação às Copas anteriores.

Problemas na preparação se repetem em vários países, com nuances locais. O próprio presidente da Fifa, Joseph Blatter, lembrou o caso do Mundial da Itália, em 1990, em que os últimos assentos foram instalados na véspera do primeiro jogo. Somos bons de entrega e temos o sucesso da Copa das Confederações para provar. Vamos cobrar de todos os envolvidos que tudo fique pronto a tempo, até porque temos uma grande responsabilidade nas mãos.

Mas beira a falta de informação fechar os olhos ao outro lado da moeda, que leva em conta o impacto econômico, as obras aceleradas ou antecipadas, os modernos estádios no país do futebol e a capacitação de milhares de brasileiros. E a imprensa tem um papel fundamental nesse sentido: ser crítica, mas também oferecer à opinião pública a visão global dos impactos positivos que o evento traz.

---

**RICARDO TRADE**, 56, é diretor-geral do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo da Fifa 2014. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Abril de 2014.



## 'A impressão digital dos dedinhos' (PASQUALE CIPRO NETO)

**NUM TELEJORNAL**, fala-se da estúpida legislação do Paquistão, que leva às barras da Justiça uma criança de 9 meses, acusada de tentativa de homicídio. Se você acha o Brasil um horror, console-se: há coisas (muito) piores mundo afora. Pois bem. Ao relatar o suplício a que o pequeno Mussa foi submetido, a repórter disse que o menino "chorou ao ter que deixar a impressão digital dos dedinhos".

É claro que houve um cochilo da jornalista, que (provavelmente não por ignorância, mas por distração) cunhou a redundante construção "impressão digital dos dedinhos". De origem latina, o adjetivo "digital" se refere a "dedo", por isso a impressão digital só pode ser a impressão dos dedos. Bastaria ter dito "chorou ao ter que deixar a impressão dos dedinhos" ou "...ter que deixar as digitais". Não sei se o texto foi dito de improviso ou se foi lido, caso em que o cochilo se torna mais grave, já que a escrita impõe concentração, releitura etc.

O fato é que, por cochilo, por ignorância ou por perda da noção da história de determinadas palavras, ninguém está livre de um pleonasmozinho. Quer um belo exemplo? O caro leitor certamente já ouviu ou leu algo como "O técnico decidiu manter o mesmo time que enfrentou o...". Ao pé da letra, se o técnico vai manter o time, a equipe escalada só pode ser a mesma que entrou em campo na partida anterior ou no primeiro tempo daquele jogo, por exemplo, mas... Mas será que não é um tanto exagerado analisar tão radicalmente esse tipo de construção? Será que, quando se diz "o técnico vai manter o mesmo time que enfrentou o...", não se usa a palavra "mesmo" porque não se sente mais na palavra "manter" a força semântica necessária para que se dispense o uso de "mesmo"?

Um caso que volta e meia se vê é parecido com este: "Fulano fez uma solicitação pedindo o equipamento X para o dia Y". Ora, quem faz uma solicitação pede, não? Bastaria dizer "Fulano solicitou o equipamento X..." ou "Fulano pediu o equipamento X..." ou ainda "Fulano fez a solicitação/o pedido do equipamento X...". Cabe aqui uma reflexão sobre a fala e a escrita. Na fala é razoavelmente justificável o emprego de certos termos que reforçam ou "ressuscitam" o sentido literal de algumas palavras, o que talvez não ocorra na escrita, mais calculada, mais "racional". Na escrita, com tempo para uma releitura, percebe-se que as frases sobrevivem sem os termos pleonásticos ("O técnico decidiu manter o time que...").

Convém lembrar também os "pleonasmos consagrados", quase sempre resultantes da perda da noção literal do significado de uma palavra. Quer um belo exemplo? Quem é que nunca disse que Fulano está "num abismo sem fundo"? Pois o caro leitor sabe qual é o significado literal de "abismo", que foi do grego para o latim? Prepare-se: "sem fundo". Sim, ao pé da letra, "abismo" significa "sem fundo", portanto "abismo sem fundo" é expressão pleonástica, mas é claro que ninguém deve analisar com tamanho rigor esse caso e outros análogos.

Será que o caso de "impressão digital dos dedinhos" se assemelha a algum dos citados neste texto? Parece que não. Independentemente da razão que levou a jornalista a emitir a construção pleonástica, convém evitá-la em textos mais elaborados. Esse caso, de emprego de termo específico, técnico, que também se vê em "erário público" ou "quorum mínimo", não frequenta os textos formais da língua. Basta dizer "impressão digital", "erário" e "quorum". É isso.

---

**PASQUALE CIPRO NETO** é Professor de português desde 1975 e também colunista semanal desta publicação. É o idealizador e apresentador do programa *Nossa Língua Portuguesa*, transmitido pela Rádio Cultura (São Paulo) AM e pela TV Cultura, e do programa *Letra e Música*, transmitido pela Rádio Cultura AM. E-mail: [inculta@uol.com.br](mailto:inculta@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## PETROBRAS EM DEBATE

### Pasadena: mitos e verdades (JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI DE AZEVEDO)

**PASSADENA** foi um bom negócio? A resposta é sim para o momento da compra, mas não teria sido sob o cenário entre 2008 e 2012. Nos últimos dois anos, as condições do mercado de petróleo, sobretudo nos Estados Unidos, voltaram a se inverter, com a crescente valorização dos ativos.

A refinaria está em operação todos esses anos e, devido à disponibilidade de petróleo leve e barato no Texas, como efeito do "shale gas" [gás de xisto], ela é lucrativa, ainda que a Petrobras não tenha realizado os investimentos para capacitá-la a processar petróleo pesado. Irresponsavelmente, a oposição distorce fatos e dados sobre sua aquisição, criando uma narrativa que desinforma a população, prejudica a imagem da Petrobras e atenta na depreciação de seu valor de mercado. Vamos aos mitos: o primeiro refere-se ao fato de que o antigo proprietário de Pasadena, o grupo Astra, pagou US\$ 42,5 milhões pela refinaria e depois revendeu à Petrobras por US\$ 1,25 bilhão.

A verdade é que a Astra desembolsou US\$ 360 milhões antes de revender por US\$ 554 milhões, sendo US\$ 259 milhões pagos pela Petrobras em 2006, como afirmou a presidente da empresa, Graça Foster, e US\$ 295 milhões posteriormente à disputa judicial, já em junho de 2012, mas considerando as condições de mercado de 2006. O crescimento da demanda de derivados nos EUA, sobretudo de 2004 a 2007, levou a um aumento progressivo no preço das refinarias, contudo, o valor de Pasadena foi inferior à média das transações em 2006. Outro mito aponta para suposto equívoco do Conselho de Administração na compra de refinaria no exterior. O fato é que a decisão atendia ao planejamento estratégico

da companhia definido em 1999, no governo FHC, que previa investir em refino no exterior para lucrar com a venda de derivados de petróleo, sobretudo no mercado americano.

Em 2004, o mercado brasileiro de consumo de combustíveis estava estável havia uma década, enquanto a demanda no exterior era crescente. A Petrobras seguiu estratégia recorrente: pagar mais barato por uma refinaria de óleo leve e adaptá-la para processar óleo pesado. A aquisição de Pasadena foi aprovada pelo conselho porque era vantajosa e atendia ao planejamento estratégico. A decisão foi pautada em parecer financeiro do Citigroup, que, entre 2003 e 2012, atuou em 125 transações do setor. Empresários que participavam do conselho e não pertenciam ao governo foram favoráveis à compra.

O terceiro mito é que as cláusulas "put option" (opção de venda) e "marlim" (referente ao petróleo brasileiro) seriam as responsáveis por transformar um bom negócio no momento da compra em um mau negócio no cenário entre 2008 e 2012. Neste período, o mundo mudou, nós descobrimos o pré-sal e o planejamento estratégico da Petrobras acompanhou as mudanças. O mercado de derivados nos EUA se alterou drasticamente. Foram as variações de margens de refino e os diferenciais de preço entre o petróleo leve e pesado que fizeram a lucratividade de Pasadena variar. Enquanto isso, no Brasil, a demanda por derivados se aqueceu, levando a companhia a investir em refino interno.

Quanto à cláusula "marlim", que garantiria a rentabilidade de 6,9% à sócia da Petrobras no caso de duplicação da capacidade de refino, ela é inócua. Como não houve o investimento, e essa é a razão da disputa judicial, ela não é válida. Isso foi reconhecido pela Justiça americana. A oposição precisa aprender que assuntos técnicos requerem uma abordagem diferente do espetáculo de uma CPI em ano eleitoral. Perceberão, mais uma vez, que a Petrobras continua sendo uma das empresas mais produtivas do mundo.

---

**JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI DE AZEVEDO**, 64, é secretário de Planejamento da Bahia. Foi presidente da Petrobras (2005-2012, governos Lula e Dilma). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## PETROBRAS EM DEBATE

### Responsabilidades na Petrobras (ILDO SAUER)

**O ESTATUTO** e o modelo de governança da Petrobras permitem esclarecer as responsabilidades sobre as controversas decisões corporativas. O estatuto social estabelece que o Conselho de Administração (CA) é o órgão de orientação e direção superior da Petrobras, competindo-lhe: fiscalizar a gestão dos diretores e fixar-lhes as atribuições; avaliar resultados de desempenho; deliberar privativamente sobre a constituição de subsidiárias, participações em sociedades; determinar a realização de inspeções, auditorias ou tomadas de contas, bem como a contratação de especialistas para melhor instruírem as matérias sujeitas à sua deliberação.

As matérias submetidas ao CA serão instruídas com: a decisão da Diretoria Executiva (DE), as manifestações da área técnica ou do comitê competente e parecer jurídico, quando necessário. O presidente do CA poderá convocar diretores para prestar esclarecimentos. Cabe à DE exercer a gestão dos negócios da companhia, de acordo com estratégias e diretrizes fixadas pelo CA. A DE deve encaminhar ao CA cópias das atas de suas reuniões e prestar as informações que permitam avaliar o desempenho da empresa. As diretrizes de governança são claras: "Os conselheiros devem ter acesso direto aos membros da DE e às funções de administração superior da companhia para esclarecimentos adicionais, bem como a quaisquer documentos corporativos. Os conselheiros podem solicitar ao CA a contratação de profissionais externos para melhor entendimento de algumas matérias". Outrossim: "O CA deve avaliar anualmente o desempenho da DE".

Portanto, constitui ingenuidade ou negligência o presidente do CA invocar a inversão de papéis e responsabilidades ao afirmar que dependia da tutela de um diretor para obter os esclarecimentos e elementos necessários ao exercício de sua indelegável responsabilidade pessoal de decidir sobre a aquisição da refinaria de Pasadena (EUA). Se informações, documentos e análises contiveram dados falhos, incompletos, insuficientes ou viciados, o conselho tinha a obrigação de promover as apurações e responsabilizações imediatamente.

Em Abreu e Lima (PE), o investimento já é de US\$ 20 bilhões, quando pelo padrão internacional, para refinarias de complexidade semelhante, não deveria exceder US\$ 7 bilhões. Paradigma semelhante acompanha o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). A montagem do gasoduto Uruçu-Manaus teve seus custos duplicados, gerando reclamações quanto à explosão da tarifa de transporte do gás. E o programa de alienação na África, no golfo do México, na Argentina e de petróleo e eletricidade no Brasil? A Petrobras, desde o final da década de 1990, seguiu estratégia, agora abandonada, de internacionalização e de conversão em empresa integrada de energia.

Nos casos mencionados e outros, o CA vem cumprindo seu papel de fiscalizar a gestão, avaliar o desempenho e de examinar toda a documentação com as análises pertinentes? As matérias foram instruídas adequadamente? O CA deveria explicar isso ao acionista controlador, o povo, e ao Congresso Nacional.

---

**ILDO SAUER**, doutor pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), é professor titular e diretor do Instituto de Energia e Ambiente da USP. Foi diretor da Petrobras (2003-2007). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**



## Como estimular o cérebro a combater a obesidade (CRISTIANE SEGATTO)

**Pela primeira vez no Brasil, um paciente receberá um eletrodo na região que controla o apetite e a saciedade**

**SE VOCÊ** saliva diante do melhor chocolate do mundo, mal pode esperar pela próxima viagem, deseja a mulher do vizinho ou o novo estagiário, agradeça ao seu hipotálamo. Essa estrutura minúscula, que ocupa menos de 1% do cérebro, é responsável pela cor e pelo sabor da vida. Está envolvida no controle da libido, das emoções, do sono, da temperatura corporal e de muitas outras funções essenciais. São quatro gramas de pura nobreza. Quatro gramas. Esse é o peso do hipotálamo.

O meu espanto diante da natureza cresce a cada dia. Em grande parte por causa de informações e descobertas derivadas da neurociência. Na próxima semana, ela será responsável por mais um avanço impressionante. Pela primeira vez no Brasil, um eletrodo será implantado no cérebro de uma pessoa com o objetivo de combater a obesidade. A cirurgia está agendada para quarta-feira (23) no Hospital do Coração (HCor). É um trabalho de altíssima precisão. O eletrodo mede 1,8 milímetro de diâmetro e será instalado no núcleo do hipotálamo que controla a saciedade e o metabolismo energético.

Sim, ele também é responsável por isso. Se você precisa de um filé de 400 gramas para se sentir satisfeito ou se abandona os talheres depois da quarta garfada, saiba que essa decisão foi orquestrada em algum lugar daquelas quatro gramas de tecido cerebral. Essa primeira cirurgia marca o início de um estudo clínico liderado pelo casal de neurocirurgiões Alessandra Gorgulho e Antonio De Salles. O trabalho é financiado pelo Ministério da Saúde e pelo instituto de ensino e pesquisa do HCor. Alessandra se formou no HCor e passou dez anos nos Estados Unidos. É professora associada da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ela e o marido resolveram aceitar o convite para voltar ao Brasil e liderar a equipe do novo centro de neurocirurgia, recém-inaugurado pelo hospital.

O objetivo desse primeiro trabalho é usar impulsos elétricos para estimular um maior gasto calórico em obesos que não conseguem emagrecer de outra forma. O primeiro paciente é um homem com obesidade severa. Seu índice de massa corpórea (IMC) é 50. Pessoas com peso normal têm IMC entre 18,5 e 24,9. A partir de 40, a obesidade já é considerada mórbida. Na primeira etapa do estudo, os cientistas vão avaliar se o método é seguro e tolerável. Apenas seis voluntários serão admitidos nessa fase. O processo de seleção continua aberto, mas os candidatos precisam estar na faixa dos 18 aos 60 anos, não ter diabetes e se enquadrar em outros critérios de saúde.

Só nas etapas seguintes a eficácia do método será testada. Mesmo que tudo dê certo, ainda serão necessários alguns anos até que a técnica esteja disponível comercialmente. Se ela prosperar, será uma alternativa para os casos em que o paciente não está disposto a se submeter à cirurgia de redução de estômago. Ou para os casos em que nem ela foi eficaz. "Não adianta achar que o paciente muito obeso vai emagrecer com os recursos disponíveis hoje", diz a pesquisadora Alessandra Gorgulho. "A cirurgia bariátrica não funciona em cerca de 20% dos pacientes operados. Muitos emagrecem, mas passam a sofrer de anemia, vômitos, diarreia etc." A intenção do grupo é avaliar se o implante de eletrodo no cérebro pode ser tão eficaz quanto a cirurgia bariátrica. Ou, pelo menos, permitir algum emagrecimento com menos complicações. Os principais riscos do implante de eletrodo são infecção (ocorre em cerca de 2% dos casos) e hemorragia (0,8%).

"Não espero ver um emagrecimento absurdo no primeiro ano", diz Alessandra. "No caso do primeiro paciente, acredito que possa ocorrer 6% de perda de peso a cada trimestre." Desde os anos 40, experimentos em animais demonstram que provocar uma lesão cirúrgica ou por radiofrequência no hipotálamo altera o hábito alimentar. Os bichos passam a comer sem parar ou se tornam totalmente desinteressados pela comida. Em humanos, não se deseja uma coisa nem outra. Daí a necessidade de encontrar uma forma menos radical de agir sobre o hipotálamo. A estimulação cerebral profunda é usada desde o final dos anos 90 para aliviar outros problemas de saúde, como o Mal de Parkinson, a depressão e uma forma grave de dor de cabeça, chamada de cefaléia em salvas. Na Itália, um dos pacientes submetidos à estimulação por causa da cefaléia perdeu 25 quilos. Com o registro de outros casos semelhantes, cientistas de diversos grupos passaram a acreditar que a técnica poderia ser utilizada também para combater a obesidade.

Em animais, a hipótese se confirmou. A estimulação do hipotálamo com o eletrodo provoca aumento do consumo energético mesmo que eles continuem ingerindo a mesma quantidade de comida. Alessandra estudou os efeitos do eletrodo em porcos. Os animais foram separados em dois grupos. O eletrodo foi implantado no cérebro de todos, mas a estimulação só foi ligada em um dos grupos. Os pesquisadores ofereceram o dobro da quantidade de ração que os animais precisam para viver. Todos, exceto um, comeram tudo. Se mais comida fosse colocada à disposição deles, provavelmente eles continuariam comendo. Exatamente o que acontece com as pessoas que exageram na comida. O mais interessante do estudo com os porcos: mesmo sem modificar a ingestão alimentar, os cientistas conseguiram alterar o gasto calórico. Ou seja: o eletrodo acelera o metabolismo. "Os animais que receberam a estimulação ganharam menos da metade do peso do outro grupo", diz Alessandra.

Num outro estudo, com macacos, o grupo estimulou o hipotálamo com parâmetros elétricos diferentes dos que serão usados em humanos. Com isso, observou que era possível alterar até mesmo a preferência alimentar dos animais. Quando o eletrodo era ligado ou desligado, eles escolhiam comer frutas ou biscoitos. No ano passado, pesquisadores da Universidade West Virgínia publicaram um trabalho feito com três pacientes obesos. Eles receberam o eletrodo numa área do hipotálamo diferente daquela que será estimulada por Alessandra. Os cientistas concluíram que o método é seguro, mas os voluntários não tiveram perda de peso expressiva. "Acho que não deu certo porque eles variaram um pouco o local que escolheram

para estimular. Qualquer variação pode comprometer os resultados”, diz. Há outra hipótese: esse sofisticado sistema de fome e saciedade é fundamental para a preservação da espécie humana. Será que ao notar uma alteração no padrão de gasto calórico ele rapidamente se reorganiza para voltar a poupar energia?

Nossa capacidade de acumular energia em forma de gordura garantiu a sobrevivência da espécie no tempo das cavernas e nos milênios de frio e miséria que vieram depois. Nas poucas últimas décadas, o que era vantagem evolutiva se tornou desvantagem no mundo ocidental. Talvez seja mais fácil mudar o ambiente do que convencer o cérebro a alterar o que deu certo durante tanto tempo.

---

**CRISTIANE SEGATTO** é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Março de 2014.**

## **Meus pais (GREGORIO DUVIVIER)**

**O AMOR** dos meus pais era poderoso - para mim, pelo menos, que era uma criança muito medrosa. Tinha medo de médico, de palhaço, de qualquer pessoa com muita maquiagem - Bozo, Vovó Mafalda, Hebe. Quando meus pais se abraçavam, eu me aconchegava entre suas pernas e ia para longe de todos os perigos do mundo, de toda essa gente maquiada demais.

Gostava de viajar com eles, quando eles faziam shows pelo Brasil. Sentava na primeira fila e berrava de orgulho no final. Queria saber assobiar com os dedos, só pra fazer mais barulho. Sabia o show de cor, especialmente uma parte em que eles contavam como tinham se conhecido. Meu pai morava na rua Rumania, em Laranjeiras, quando minha mãe se mudou pra casinha da frente. Meu pai estudava sax. Minha mãe estudava canto. Começaram a fazer duetos - sem nunca terem se visto. Um dia, meu pai tomou coragem e atravessou a rua. Bateu na porta dela e deu no que deu. Tiveram três filhos. Gravaram dois discos. Construíram uma outra casa pra caberem os filhos e os discos.

Fomos muito felizes nessa casa. Minha mãe dava festas e jantares e saraus que enchiam a casa de música e alegria. Meu pai fez um estúdio no porão onde minha irmã e eu podíamos dormir no carpete, ouvindo ele compor. A piscina de dez metros quadrados tinha as dimensões do oceano Atlântico. Criamos no jardim muitos cachorros, alguns gatos, uma cabra, uma figueira, um limoeiro e um manacá muito cheiroso.

Um dia, estava dormindo no quarto e acordei com um quebra-quebra. Subi até a cozinha achando que era assalto. Os dois choravam, envergonhados. Foi a primeira vez que eu vi eles brigando. Meu pai desceu comigo e dormiu na minha cama. No meio da noite acho que ouvi ele chorar. Não demorou pra que meu pai saísse de casa. Separados, tentaram ser amigos por muito tempo, e foram. Até que começaram a brigar pela casa que construíram juntos - quem construiu mais, quem construiu menos. Não sei quem está certo. Mas aprendi que as brigas de casal pertencem ao universo quântico. Duas pessoas falando coisas opostas podem estar igualmente certas - e frequentemente estão.

Acho que eles não vão gostar desta crônica. Vão dizer, com razão, que eu estou expondo uma questão de foro íntimo. Mas eu também não gostaria de participar das questões íntimas deles - então divido com vocês. Tudo o que eu queria era poder guardá-los no palco, tocando juntos - infalíveis.

---

**GREGÓRIO DUVIVIER** é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **País do futebol, mas não apenas (ALEXANDRE VIDAL PORTO)**

**QUANDO** o professor de educação física não planejava a aula, nos mandava jogar futebol. Nessa hora eu sabia que sofreria uma sessão de tortura física e moral. Usava óculos fundo de garrafa, e nunca houve um jogador pior do que eu. Era sempre o último a ser escolhido pelos times. Uma vez marquei um gol, mas foi porque a bola bateu em mim antes de entrar.

Já superei minhas diferenças com o futebol. No final de 2007, festejei o anúncio do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014. Cerca de um ano depois, eu era um dos 79% dos brasileiros que, segundo dados do Datafolha, apoiavam a realização da Copa no Brasil. Hoje, a menos de dois meses do início do torneio, esse número caiu para 48%. Eu sei que tem muita gente colecionando álbum de figurinhas dos times. As pesquisas, no entanto, não deixam dúvidas de que muitos mudaram de ideia em relação ao evento no Brasil. Por que quem era a favor ficou contra? O que aconteceu?

Acho que, quando foi escolhido para sediar a Copa, o Brasil era outro, e nós brasileiros, também. Sentíamos-nos otimistas em relação ao lugar do nosso país no mundo. A economia crescia, o desemprego diminuía e nos víamos como potência, emergindo. Hoje, não é isso o que se sente. Pode-se culpar quem quer que seja: a conjuntura internacional, a inépcia do governo ou as dificuldades da vida. O fato é que os olhos do povo brasileiro já não brilham da mesma maneira. Não se podem negar os avanços sociais das duas últimas décadas, mas tampouco há como evitar o sentimento de que se poderia ter feito muito mais do que se fez.

A sensação de desperdício de potencial é incontornável diante da denúncia frequente de escândalos de corrupção e descaso envolvendo o dinheiro público. A Copa custará muito mais do que deveria custar. Os estádios, por exemplo, sairão



por mais de R\$ 8 bilhões, em lugar dos R\$ 4,8 bilhões originalmente orçados. Há acusações de superfaturamento, atrasos nas entregas e mortes de funcionários nas obras. Isso sem mencionar falhas e atrasos em projetos urbanos relacionados ao evento. O discurso das autoridades parece vir de outro planeta. Quem mora no planeta Terra e no país Brasil não tem como não sentir sua inteligência subestimada. É como se vivêssemos em Pasárgada, onde tudo está ótimo e não existe problema algum. Teremos a melhor Copa do Mundo porque nos disseram que vai ser assim. No auge do nosso triunfalismo, fomos induzidos a um investimento que custará muito ao nosso país - em termos materiais e de imagem.

Agora, racionalmente, nossa opção é fazer esse dinheiro render. No entanto, não podemos esquecer de dizer a quem nos induziu a esse investimento o seguinte: o Brasil mudou. Somos o país do futebol, mas não apenas. Por isso, não nos mandem para o campo jogar bola e parar de reclamar.

---

**ALEXANDRE VIDAL PORTO** é escritor e diplomata. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Mia Couto: “O português do Brasil vai dominar” (LUÍS ANTÔNIO GIRON)**



**O romancista moçambicano afirma que o poder que o país tem de exportar cultura está contagiando todos os países de língua portuguesa**

**O escritor moçambicano Mia Couto (Foto: Julia Rodrigues/ÉPOCA)**

**A LÍNGUA** portuguesa está se transformando, muito por causa do papel das nações emergentes lusófonas da África. Nesta entrevista exclusiva a ÉPOCA, concedida em São Paulo, o escritor moçambicano Mia Couto, de 59 anos, diz que, apesar da renovação de linguagem que a África apresenta hoje, o Brasil reúne condições para se tornar a nação dominante do ponto de vista cultural e lingüística. Em relação aos países africanos, Couto diz que é preciso distinguir entre independência e descolonização – e que a África ainda não enfrentou o segundo termo. Para ele, o Brasil serviu como modelo para a formação da identidade nacional das nascentes nações lusófonas da África, mas pelo lado da mistificação, o que se esgotou rapidamente. Ele afirma que o Brasil virou as costas para a África.

**ÉPOCA – O uso do português em várias nações gerou diferenças de vocabulário e uso. O português está se transformando a ponto de se desfigurar?**

**Mia Couto** – O português é uma língua viva, não porque ela seja especialmente diferente. Mas ela viveu essa coisa que se chama Brasil. Vive a África que está se apropriando dela com cinco países africanos que o fazem de modo diverso. É evidente que é preciso um cuidado para que a

língua continue com uma identidade e um fundamento. As diferenças do português em vários países não são sentidas como um problema. Salvo alguns intelectuais conservadores do Brasil e de Portugal, que têm um certo gosto de se apropriar da

pureza da língua. De resto, existe nos países lusófonos até um gosto de visitar essas diferenças. O que está acontecendo de forma inelutável é que a variante brasileira será dominante. O português do Brasil vai dominar.

### **ÉPOCA – Por quê?**

**Couto** – Por causa do tamanho do Brasil e da capacidade que o país tem de exportar a si próprio, por via da novela de televisão. Há coisas que estamos pegando de vocês brasileiros que vocês nem notam. É o caso da expressão “todo mundo”. É uma expressão típica brasileira. Nos outros países dizemos “toda gente”. Mas hoje “todo mundo” é comum em Moçambique. Outra palavra é cambalacho... Deve ser uma expressão africana.

ÉPOCA – “Cambalacho” é um termo do lunfardo, da gíria portenha, que incorporamos... É como “bacana”, do lunfardo argentino. Há uma troca. Eu lamento que não saibamos mais sobre as formas de falar da África. O Brasil exporta, mas não sabe absorver o que vem de fora.

**Couto** – O Brasil quis fazer uma batalha dentro da própria língua para se tornar independente de Portugal. Houve a afirmação de uma identidade própria que se expressa na língua. O Brasil sofre do peso de seu próprio tamanho. Sofreu um processo autocêntrico, que agora está sendo repensado e está mais propenso a escutar aquilo que vem de Moçambique, Angola e Timor Leste. Ele tem muita coisa da África, mas é antigo. Agora o país importa o vocabulário do Brasil. Nós africanos temos que ser mais ativos e mais criativos nessa troca com o Brasil.

### **ÉPOCA – Na palestra que o senhor fará no Brasil, o senhor chama atenção para o perigo de o pensamento se fechar em si mesmo. Como mantê-lo aberto?**

**Couto** – As fronteiras são vitais, todo organismo cria seus próprios limites. As fronteiras na natureza são feitas para intercambiar. Mas na civilização as fronteiras são feitas para fechar, para enclausurar. A grande aprendizagem nossa é se manter em uma fronteira que crie pontes. O grande problema hoje é que as fronteiras criadas entre culturas, civilizações e povos nascem para fechar. As fronteiras são construídas a partir do medo do outro, do desconhecido. O outro é apresentado como uma ameaça, aquele que tem uma outra política, uma outra religião.

"E explicava: dormir com alguém é a intimidade maior. Dormir, isso é que é íntimo. Um homem dorme nos braços de mulher e a sua alma se transfere de vez. Nunca mais encontra suas interioridades."

"Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra", Mia Couto

### **ÉPOCA – O medo é também um problema político? Erguer fronteiras – políticas, culturais, linguísticas e espirituais – é uma necessidade humana?**

**Couto** – É uma necessidade humana, mas não da maneira como fazemos. Tivemos outras maneiras. Há culturas de hoje que são abertas, feitas para o convívio, para a partilha. Na África, muitas dessas fronteiras são vivas. As fronteiras se fecham às vezes. O fato de serem países em que o Estado homogêneo e todo-poderoso não existe tornam as fronteiras ávidas de deixarem de ser fronteiras. É uma condição diferente da dos países europeus, árabes, asiáticos e nos Estados Unidos. O medo hoje é bem distribuído, numa narrativa que contaminou tudo.

### **ÉPOCA – Por que a Europa está caminhando na direção da exclusão do imigrante e de sua transformação em mão de obra.**



**Couto** – Isso acontece como uma maneira de ocultar os problemas internos que essas sociedades têm. É uma forma de escamotear os conflitos internos desses universos. Existem razões que tendem a culpar o outro, sempre o estranho. É como as famílias que recomendam às crianças que não falem com estranhos. Quando, na realidade, as grandes violências são cometidas dentro da casa. Essa versão começa a ser inculcada desde a infância.

#### **ÉPOCA – Como o senhor analisa a tribalização do mundo?**

**Couto** – A tribalização da Europa acontece ao contrário do que aconteceu na África. Noto isso em Moçambique, que se manteve isolado por longo tempo. Mas era um país sentado à beira da praia, esperando pelos navios. Tudo se deve à enfermidade dos mecanismos de pensamento, que tendem a criar essências, como algo que está fora da história, que faz parte da natureza. Assim, criam-se os estereótipos, como se dá no Brasil: os brasileiros do Sul são trabalhadores por natureza, os do Nordeste são menos trabalhadores, como se fosse uma coisa que está na massa do sangue. Como se tivéssemos que arrumar o mundo em um monte de gavetas, em vez de compreender que cada pessoa é uma pessoa e temos de procurar uma identidade.

#### **ÉPOCA – O senhor tem uma expressão que pode soar politicamente incorreta: “Eu sou mulato não das raças, mas de existências”.**

**Couto** – É difícil de conviver com a complexidade que cada um tem dentro de si e o que cada outro é. Apesar da tendência de categorizar e simplificar, há qualquer coisa que escapa à categorização. É esta coisa que escapa que é o mais bonito, é o que quero fixar.



#### **ÉPOCA – O senhor afirma que a atitude politicamente correta é prejudicial às sociedades pós-coloniais como Brasil e Moçambique. Por quê?**

**Couto** – Porque a mentalidade politicamente correta nasce de uma atitude religiosa do norte da Europa, da procura daquilo que é puro do ponto de vista moral, liberto de outras contaminações. Ela tenta resolver o mundo pela palavra. Pode soar poética, mas é uma coisa da religião protestante, que apoiava tudo na palavra divina, no poder do livro. É uma operação que obriga a pessoa a pensar duas vezes antes de dizer “favela” ou “comunidade” – um eufemismo que também tem origem religiosa. Tenho de policiar minha expressão de maneira que ela pareça certa. No fundo, não se resolve aquilo que é mais importante: mudar a realidade para que eu não tenha medo das palavras nem ter de pensar cinco vezes se eu devo dizer “negro” ou “preto” ou “afrodescendente”. O engraçado é que isso varia. Nosso foco tem que ser outro. É preciso deixar de pensar no vestuário superficial da palavra e ir mais fundo, investigar o próprio pensamento.

**ÉPOCA – O senhor não acha que, mesmo assim, em nome da ética e do respeito, algumas palavras precisam ser substituídas?**

**Couto** – Há casos em que é preciso alterar o uso das palavras. A conotação que liga o negro ao negativo, ao sinistro.

**ÉPOCA – Como é a mentalidade politicamente correta na África?**

**Couto** – Na África, essas coisas quase não existem, e quando ocorrem é por influência dos Estados Unidos. Essa coisa da afirmação positiva, das costas, nunca existiu. Mas agora já começa a haver um movimento a favor de introduzir um mecanismo de acerto por imposição de uma cota.

**ÉPOCA – O senhor é a favor das cotas?**

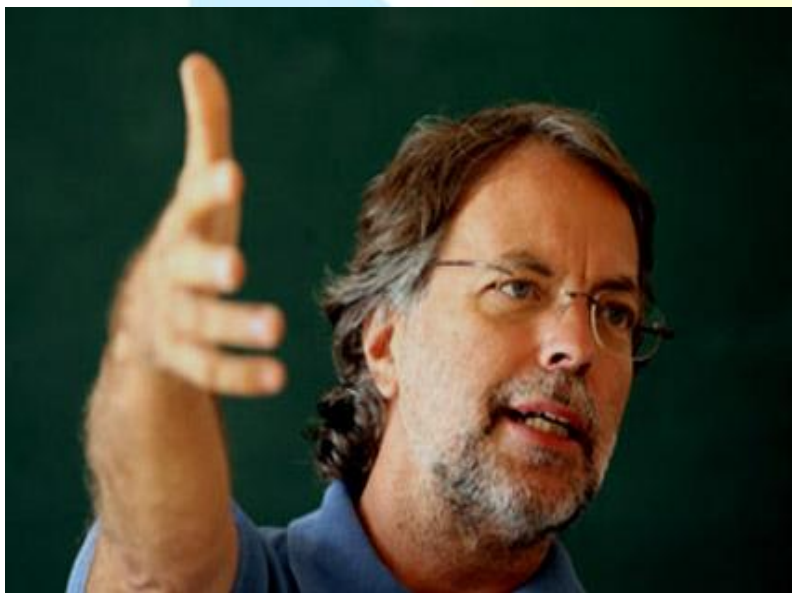
**Couto** – Não tenho simpatia nenhuma pelas cotas. A cota avilta quem recebe e não diz nada de quem a dá. É preciso que não haja cotas, e sim que se resolvam os problemas radicalmente.

**ÉPOCA – Como seria resolver esses problemas em um mundo regido pelo mercado?**

**Couto** – Não sei se é tão inviável assim. Por que não fazemos outra vez uma revolução? Não sei como. Para já o que é preciso não aceitar as cotas. Parecem soluções, são panaceias. Na África, as elites reproduziram o discurso do orgulho nacionalista e acabaram por reproduzir também os mecanismos de repressão a seu próprio povo. Em relação à realidade anterior, colonial, nada mudou. Processou-se apenas uma mudança de turno, as elites substituíram o antigo poder colonial europeu. As elites africanas indigenizaram o próprio colonialismo. É um sistema. É como se o oprimido se tornasse rapidamente opressor.

**ÉPOCA – Os países europeus experimentam hoje uma situação que África e Brasil já lidam há séculos: a da identidade múltipla. Com tantas identidades, a tendência não é a diluição? Ou o multiculturalismo é a solução para um mundo em crescente diversidade?**

**Couto** – Não gosto do conceito e da palavra multiculturalismo. É preciso considerar o que cada um de nós tem por dentro. Ninguém é feito de uma cultura só. Isso não existe hoje. Eu dei aulas como biólogo e eu mostrava aos meus alunos que eles não são um indivíduo, mas uma simbiose de indivíduos com identidades completamente diversas, como bactérias, fungos e vírus que não estão vivendo com eles, mas são eles. A aceitação de que somos tão diversos é difícil. Aí os alunos achavam estranho e diziam: "Bactérias? Então eu sou bactéria?" Gosto de tudo o que a ciência propunha para derrubar a ideia de que somos um produto divino e puro foi absorvida. Quanto aos europeus, eles acreditam que defendem uma fortaleza, que é o centro histórico da civilização. Isso foi manipulado para que eles pudessem conviver com outras culturas, aí o multiculturalismo. Mas a verdade é a convivência é pacífica, mas cada um tem a sua cultura separadamente. Quando o ponto é que as culturas têm que se misturar e se tornar uma simbiose. Um pouco como aquilo que o Brasil fez: incorporar suas diferentes matrizes.



**ÉPOCA – No Brasil isso acontece em um plano mais ideal que real.**

**Couto** – Sim, é mais o que o Brasil gostaria que acontecesse do que acontece. Os brasileiros conseguiram ir mais longe que quaisquer outros povos em fundir as religiões, fazer sincretismos, absorver as coisas que vieram da África e da Europa. Mas a sociedade brasileira é muito estratificada, é muito hierarquizada. E hoje acontece no Brasil um discurso de afirmação que dita que se sentir superior é se sentir europeu. O processo de imposição da língua, por exemplo, se deu pela violência. No Brasil ou em Moçambique, a língua portuguesa foi imposta. Há mais de 20 línguas diferentes em Moçambique. Todo mundo pode hoje falar sua língua, mas não é uma língua de prestígio, que pode chegar ao livro, como o português. O português é uma violência sutil hoje, mas continua presente.

**ÉPOCA – O poder do pensamento sistemático ocidental é arrasador. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss veio ao Brasil e descreveu a complexidade do pensamento selvagem. Mas esse pensamento é reduzido a um objeto de estudo antropológico. O que seria uma redução.**



**Couto** – O problema é que as pessoas que vivem esse pensamento aprendem rapidamente a se envergonhar do que elas pensam e praticam o suicídio epistemológico. Eles se encarregam eles próprios de matar os fundamentos de seu pensamento. Quando é objeto de uma coisa exótica, com sua graça, que serve a uma disciplina de etnografia e antropologia, mas não de alguma coisa que pode ser incorporada na modernidade. E aí o pensamento selvagem não tem lugar. Só tem lugar como objeto de museu.

### **ÉPOCA – Os artistas tentaram alterar a imagem da África, não? É o caso de Picasso e sua tela Les Demoiselles d’Avignon...**

**Couto** – A arte vai à frente, tentando abrir um caminho, de uma maneira muito modesta. Mas isso depois tem consequências. A arte e a literatura podem criar um desejo de que o mundo pode ser diverso. É um trabalho quase psiquiátrico o do artista, o de fazer as pessoas perderem o medo do outro e do desconhecido. Não só isso, mostrar que aqueles que a gente tema podem manter conosco uma relação de solução e de enriquecimento. A arte pode propor uma relação de namoro.

### **ÉPOCA – Como enfrentar os problemas culturais e educacionais nos países africanos?**

**Couto** – Hoje há muito mais gente em escola. Não são escolas que pensem seu próprio perfil e no sentido da utilidade. Estamos defasados em relação às grandes demandas do mundo. Falta qualificação em áreas no domínio técnico. Portanto, estamos criando uma situação em que há muita gente escolarizada e pouca preparada para enfrentar o mundo. A apreciação da África tem que mudar, e ler literatura contemporânea da África ajuda nisso. A África não exporta só jogador de futebol e dançarino. Exporta pensamento, a capacidade de produzir beleza.

### **ÉPOCA – O Brasil hoje voltou a ser modelo para a África?**

**Couto** – O presidente Lula torou o Brasil mais próximo. Até então o Brasil estava de costas viradas para a África. Na relação entre o Brasil e África, pode-se dizer que há um pré-Lula e um pós-Lula. Com Dilma, existe uma continuação. As empresas brasileiras foram levadas para a África e nossa relação se libertou do laço político. A Odebrecht, a Vale e Andrade Gutierrez estão presentes na África e estabeleceram uma relação que não depende mais da política. São empresas que criam relações. A Vale tem milhares de funcionários brasileiros que vivem em Moçambique, nas mais diferentes cidades. E isso cria qualquer coisa próxima. Eu lembro que anos atrás eu cheguei a um hotel, os moçambicanos se cumprimentavam à maneira indiana, com “Nemastê”. Eu não via televisão e achei tudo estranho. Só depois que soube que era por causa de uma novela, O caminho das Índias, que os brasileiros estavam vendo no hotel, e que contaminaram todos. Ali eu vi a globalização: os africanos se cumprimentando à maneira indiano por causa de uma novela brasileira.

### **ÉPOCA – Como está a literatura moçambicana hoje?**

**Couto** – Há uns cinco escritores interessantes e que se projetam mundialmente. O fato é que vivemos uma estagnação durante a guerra civil, de 1977 a 1992. A escola que ainda cultivava a literatura morreu. Hoje assistimos aos meninos que estão abraçando a poesia e o conto, e estou muito otimista.



### **ÉPOCA – Por que o senhor nunca saiu de Moçambique e trocou Maputo por Lisboa?**

**Couto** – Isso acontece mais com os africanos de língua inglesa do que os lusófonos. Lisboa é uma capital atraente mas não é Londres nem Paris. Nunca me ocorreu fazer isso. Não era um opção. Se eu tivesse de sair de Moçambique, eu carregaria Moçambique comigo. Minha família era muito nuclear. Fui visitar Lisboa quando adulta. Meus pais e meus irmãos estão lá. É como se Adão e Eva estivessem nascido em Moçambique. Outro mundo era coisa estranha. O Brasil sofreu um processo autocêntrico, que agora está sendo repensado.

**ÉPOCA – O senhor diz que a literatura brasileira não é conhecida na África. Como o senhor faz para tomar contato com ela?**

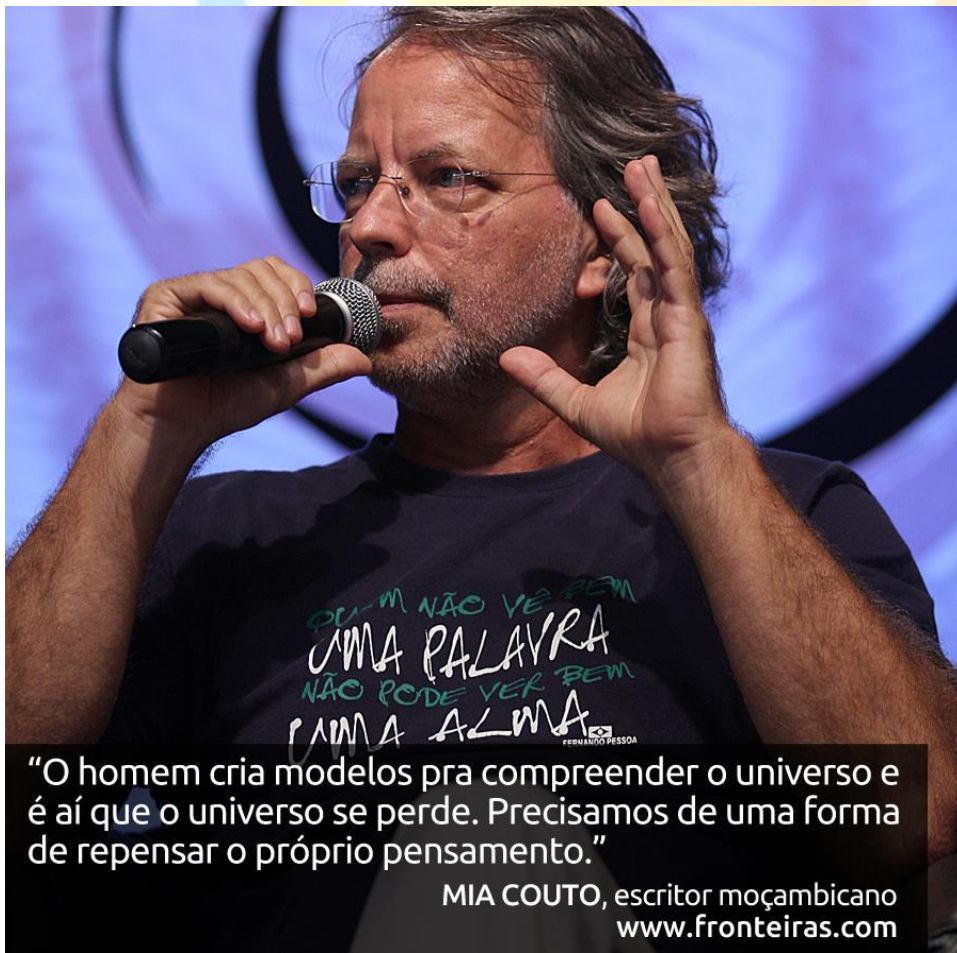
**Couto** – Quando estou no Brasil faço minha incursões. Gosto de algumas coisas que estão sendo feitos, como o Milton Hatoun, que é uma referência para mim. Um livro que me marcou foi O leite derramado. Porque eu queria ter feito esse livro, a memória de um velho que está no limite do que podemos acreditar, contando sua história e a de seu país. Era o meu projeto. Eu me reconheci no livro. Estou tentando encontrar uma maneira que seja minha.

#### **ÉPOCA – O senhor está escrevendo um romance?**

**Couto** – Sim, ainda não tem título. É a história de um imperador, Gungunyana, um resistente contra a ocupação colônia, ele reinou de 1870 a 1895. Portugal precisava de capturá-lo para manter seu território colonial. Eu quero contar a história dele, mas não como um romance histórico, mas através de uma tradutora, como um elo entre o poder colonial e a resistência. Ela foi levada a Lisboa com Gungunyana. Ele morreu nos Açores, enterrado no mar como diz a personagem. É uma tentativa de reabilitar um personagem de um tempo que foi mistificado.

#### **ÉPOCA – O que o senhor aprendeu com os escritores brasileiros?**

**Couto** – Eu vim beber no Brasil. Sou mais influenciado pelos poetas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. A minha casa vivia cheia de poesia, porque meu pai, Fernando Couto, era vidrado em poesia brasileira e francesa. Eu tinha discos da poesia jogral de São Paulo, que hoje ninguém mais conhece. Mas me marcou escutar poemas como “Essa nega fulô”, de Jorge de Lima. Poesia era mais som do que leitura para mim. Em minha casa viviam essas vozes. Eu nem me dava conta de que poesia vinha do livro. Comecei a ouvir música brasileira na nossa varanda. Meu pai ouvia também as canções praieiras do Dorival Caymmi e aquele jeito doce de cantar me marcou desde menino. Depois vieram João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa. Quando publiquei Vozes amanhecidas, em 1987, eu sofria influência do Guimarães Rosa, embora nunca o tinha lido. Depois o escritor Luandino Vieira, que transgredia a norma incorporando os sotaques de Luanda, chamou atenção em um entrevista que era influenciada por Guimarães Rosa. Eu consegui uma fotocópia do conto “A terceira margem do Rio” e finalmente li. Quando escrevi o segundo livro de contos, Cada homem é uma raça, aí já era totalmente influenciado em Guimarães Rosa. Os contos dele são romances condensados.



#### **ÉPOCA – O senhor se encantou com Rosa pelo fato de ele experimentar e manipular a linguagem?**

**Couto** – Sim. E era uma coisa que fazíamos intuitivamente em Moçambique, como deve ser quando incorporamos uma língua. Precisamos torná-la íntima, namorar com ela no chão e criar um novo ser. O Rosa faz parte de um contexto histórico em que havia a necessidade de criar o sertão, uma fronteira pura em que o mundo não chegava para contaminar. É a construção do território da palavra, contra a lógica do tempo, isso me parecia importante.

#### **ÉPOCA – Qual a sua principal influência literária?**

**Couto** – Venho da poesia. Li poesia francesa, como os surrealistas Paul Éluard e Jacques Prévert, os petistas da resistência espanhola como Miguel Hernandez ou García Lorca. Vivíamos como se a poesia fosse um habitante da casa. Fernando Pessoa é impossível de contornar. Ele é infinito. Na adolescência ele era o meu guia. Ele



é o maior. Ele me ajudou a me resolver internamente, naquele momento que temos de nos confrontar com escolhas e criar uma identidade reconhecível, simples e única. Ele foi mais que uma influência literária. Foi filosófica. Ele me ensinou a ser múltiplo e plural. Ele é o verdadeiro autor de autoajuda.

### **ÉPOCA – O quanto de poesia tem a sua obra de ficção? Há diferença para o senhor entre poesia e prosa?**

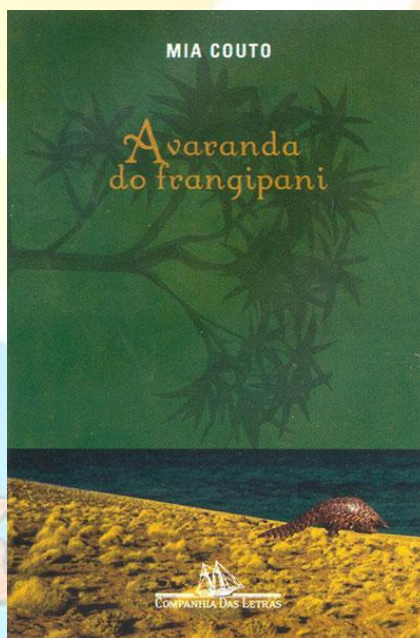
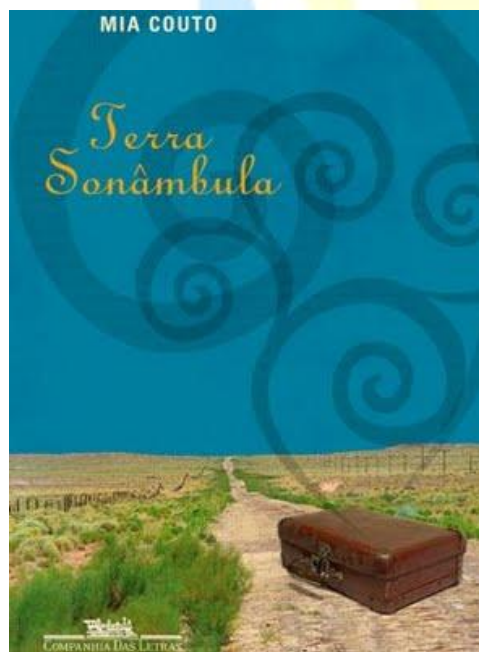
**Couto** – Eu estou sempre lá na poesia. Não vejo diferença, faço prosa e poesia. Quando decido contar uma história, romance ou conto, acontece em poesia, só. É um estorvo. Quero contar uma história e ter a disciplina de romancista e lá está a poesia. Agora, olhando para a chuva na janela, a poesia é uma chuva que limpa o céu e torna a alma limpa. Vou para o romance sem saber como vai ser a história. É como se a poesia me ajudasse de olhar a história.

### **ÉPOCA – De onde o senhor tira suas histórias? E como as compõe?**

**Couto** – Conto uma história a partir da sugestão do real. Mas tenho um pudor que me faz não reproduzir uma história real. Tiro de conversas de pessoa. Isso vem da capacidade de escutar os outros, há sempre uma história que está oculta. É um exercício que faço desde menino. Eu me sentava diante da casa e os meus pais me chamavam de muito devagar. Eu era muito sossegado. E assim eu observava. Contar história é uma coisa que parte do não saber. É uma ignorância intencional. Ela me torna disponível para escutar vozes dos personagens. O que eu gosto é criar personagens. Eles têm de ser suficientemente sedutores para que eles possam me escutar também. É um jogo. Eu sei que é romântico o modo como olho o meu próprio modo de produção. Mas é assim que funciona.

### **ÉPOCA – O senhor é romântico, não?**

**Couto** – Sou um romântico que briga com a realidade, mas não lhe dá tanta importância assim como os românticos do passado. É que é um modo de subverter as coisas que eu aprendi do [líder revolucionário] vietnamita Ho Chi Minh. Ele escreveu uma poesia delicadíssima quando estava na cadeia. Perguntaram a ele como era possível ele ter escrito poesia tão singela numa posição tão dura. A resposta dele é um lema para mim: “Eu desvalorizei as paredes”. No fundo ele nunca esteve preso. Estamos presos a esta coisa que chamamos realidade, há uma ditadura que diz que o mundo tem que ser assim. Mas o mundo não é assim. Há outros mundos possíveis.



### **ÉPOCA – Qual o seu método de trabalho?**

**Couto** – Estou sempre anotando. Meus bolsos estão cheios de papéis e isso me atrapalha. É um caos permanente que depois pede que eu tenha um retiro para eu poder dar uma ordem a isso. Escrevo com a mão. Anoto em cinco, seis caderno que perco, e depois escrevo no computador. O caos faz parte de mim.

### **ÉPOCA – Que conselhos o senhor daria a um escritor jovem ou iniciante?**

**Couto** – Meu conselho é que ele não fique intimidado pelo desejo de escrever bem. O escritor não é aquele que escreve bem só. Estiver bem escrevem muitos. É que ele procure a história, aquilo que é único, que ele deixe se surpreender com a permanência da infância nele. Não ter medo da infância.

### **ÉPOCA – Experimentar a linguagem não está fora de moda?**

**Couto** – Eu mesmo não me contento mais com isso. Estou buscando uma via, quero me surpreender, quero ousar. Por via da poesia quero manter uma relação de surpresa com a linguagem. Mas a busca da palavra transgredida estou abandonando. Há uma diferença em relação a isso com o tempo. Minha literatura ficou mais contida.

### **ÉPOCA – O senhor enxerga alguma coisa boa na literatura de entretenimento?**

**Couto** – Eu não gosto disso. Livros de aeroporto eu raramente compro. Eles são anunciados como os mais vendidos. Não é um estigma, mas eu procuro aquilo que é mais experimental e feito com um propósito que não seja de venda.

### **ÉPOCA – É difícil ser escritor sem marketing, seja o pessoal, seja os das agências literárias e editoras. É possível viver sem isso?**

**Couto** – A negociação que você pode fazer com o mercado é no sentido de não alterar o território impoluto da produção artística. Há um território que tem que ser preservado. No meu caso, tenho sido capaz de manter isso. Não faço por cálculo nem administro o que eu sou ou o que eu faço que não seja pelo trabalho artístico.

### **ÉPOCA – As mudanças tecnológicas – como internet, e-books e tablets – estão alterando a forma de fazer literatura – e seu estilo?**

**Couto** – Não sou muito capaz de entrar nesse mundo. Mas entrei o suficiente para que ele me ajudem. As tecnologias são escravas, ferramentas que eu uso, mas mantenho o meu universo interior.

### **ÉPOCA – Os blogs provocaram uma renovação literária significativa ou repetem chavões?**

**Couto** – Sim, a literatura se tornou mais acessível, aberta e imediata. Democratizar os autores é um universo completamente novo.

### **ÉPOCA – Qual o futuro da ficção num mundo cada vez mais fascinado por produtos de alta tecnologia? A leitura não está prejudicada? A atenção não se dispersa?**

**Couto** – A tecnologia não é ameaça. O pior é a incapacidade dos jovens de produzir histórias. Ele precisam ser capazes de ser autores das próprias histórias. Meu medo é que os jovens passem a ser grandes consumidores e não autores de um narrativa das suas próprias fantasias. E isso começa na linguagem funcional e utilitária. Aquilo que está na língua e é fonte de enorme prazer e invenção da pessoa, essa parte está muito esquecida.

---

**LUÍS ANTÔNIO GIRON** é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista ÉPOCA, Abril de 2014.**

Lucas Rocha